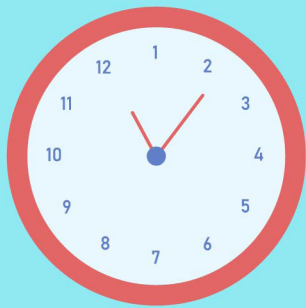


Curso de Capacitação em Fundamentos da Psicopedagogia



VOCÊ CONHECE A VALECUP?

SOMOS A MAIOR REDE
DE CURSOS PEDAGÓGICOS DO BRASIL!

Temos mais de 200 Mil alunos matriculados
na maior plataforma de cursos

**Certificado válido
em todo o País.**

Nossos cursos são Reconhecidos e Aprovados
pela ABED, Faculdades, Escolas, Prefeituras e Empresas

Use os certificados da Valecup para:

- ✓ Horas complementares em Faculdades
- ✓ Concursos públicos
- ✓ Provas de títulos
- ✓ Processos de recrutamento e seleção
- ✓ Promoções internas
- ✓ Gratificações adicionais conforme plano de carreira
- ✓ Enriquecer seu currículo(melhorar as suas chances de conseguir um bom emprego)

**Clique no link abaixo
e adquira o seu certificado**

<https://rb.gy/2l8dlg>



Agradecimentos

Juntos, expressamos nossa gratidão aos mais de 3 milhões de professores e professoras do nosso país. Essa apostila é dedicada aos verdadeiros heróis e heroínas que atuam todos os dias mudando as gerações e transformando o Brasil.

Vocês são nossos maiores Mestres. E é por cada um de vocês que sempre nos dedicamos a aprimorar nosso trabalho!

“Não temos que ser perfeitos hoje. Não temos de ser melhores do que outra pessoa. Tudo o que precisamos fazer é ser o melhor que pudermos.” Joseph B. Wirthlin

Podemos mudar a educação do nosso país se dermos o primeiro passo, transformando um coração, um aluno de cada vez!

Bons Estudos!



Sumário

Agradecimentos	3
Módulo 01	6
Compreendendo a Psicopedagogia.....	6
Objeto de Estudo da Psicopedagogia.....	9
Embasamentos Teóricos.....	12
História da Psicopedagogia.....	24
A Psicopedagogia na Argentina	28
Psicopedagogia no Brasil	30
Módulo 02	32
A Figura do Psicopedagogo	32
O Psicopedagogo.....	34
Campo de Atuação da Psicopedagogia.....	35
Competência do Psicopedagogo	35
Módulo 03	41
A Psicopedagogia na Prática.....	41
Diagnóstico Psicopedagógico Por Meio da Caixa Lúdica	42
A Caixa e os Materiais	44
Cuidado Psicopedagógico.....	45
O Que O Psicopedagogo Observa no Indivíduo	46
Cada Pessoa é Como um Diamante que Precisa Ser Lapidado	48
Ética Profissional.....	49
Módulo 04	57
A Interação da Família Junto ao Psicopedagogo	57
A Família no Processo de Desenvolvimento da Criança.....	57
Módulo 05	59

Aprofundando o Conhecimento Sobre a Psicopedagogia.....	59
Artigo Complementar: 1 – A Psicopedagogia no Brasil: Uma Possível Leitura	59
Artigo Complementar: 2 – A Psicopedagogia: Muito Mais Que Uma Ciência, Um Caminho.....	68
Artigo Complementar: 3 – Aprendizagem e Psicopedagogia: Um Encontro Lúdico	73
Artigo Complementar: 4 – A REG4: Regulamentação Do Psicopedagogo.....	78
Quem Somos	89
Referências.....	90



Módulo 01

Compreendendo a Psicopedagogia

Introdução

A Psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, ou seja, contribuir na busca de soluções para a difícil questão do problema de aprendizagem.

A aprendizagem deve ser olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade.

O objeto central de estudo da psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos e a influência do meio (família, escola, sociedade) em seu desenvolvimento.

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação em Saúde e Educação, enquanto prática clínica, tem se transformado em campo de estudos para investigadores interessados no processo de construção do conhecimento e nas dificuldades que se apresentam nessa construção. Como prática preventiva, busca construir uma relação saudável com o conhecimento, de modo a facilitar a sua construção.

KIGUEL (1983) ressalta que a Psicopedagogia se encontra em fase de organização de um corpo teórico específico, visando à integração das ciências pedagógicas, psicológica, fonoaudiológica, neuropsicológica e psicolinguística para uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem humana.

O psicopedagogo deve desenvolver sua ação, mas sempre se retratando as teorias, englobando vários campos de conhecimentos. Diversos autores que tratam da Psicopedagogia enfatizam o seu caráter interdisciplinar.

O foco de atenção do psicopedagogo, é a reação da criança diante das tarefas, considerando resistências, bloqueios, lapsos, hesitações, repetição, sentimentos de angústias.

Para os profissionais brasileiros (Maria M. Neves; Kiguel; Scoz; Golbert; Weiss; Rubinstein), pode-se verificar que o tema da aprendizagem é o tema central de seus estudos, sendo os problemas desse processo (de aprendizagem) a causa e a razão da psicopedagogia.

Para os Argentinos também a aprendizagem preocupa, ou seja, a aprendizagem com seus problemas constitui-se no pilar-base da psicopedagogia. São eles: Alicia Fernandez, Sara Pain, Jorge Visca, Mariana Muller.

Então, o que é a Psicopedagogia?

Para SISTO (1996) é uma área de estudos que trata da aprendizagem escolar, quer seja no curso normal ou nas dificuldades. Desse modo ele constrói a ideia de que a aprendizagem deve ser observada dentro e fora da escola.

CAMPOS (1996), considera que os problemas de aprendizagem se constituem no campo da Psicopedagogia. Sem adentrar muito em outros campos do conhecimento, este autor tenta buscar na especificidade do estudo da aprendizagem as explicações necessárias.

SOUSA(1996), diz que a Psicopedagogia é vista como área que investiga a relação da criança com o conhecimento. Ou seja, abarca a forma com a qual a criança absorve tudo que é ensinado.

O Código de Ética da Psicopedagogia, no Capítulo I, Artigo 1º, afirma que “A Psicopedagogia é campo de atuação em saúde e educação o qual lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, distorções, diferenças e desenvolvimento por meio de múltiplos processos”

A Psicopedagogia é uma área de estudos nova que pode e está atendendo os sujeitos que apresentam problemas de aprendizagem.

BOSSA (1994), a Psicopedagogia nasce com o objetivo de atender a demanda – dificuldades de aprendizagem. Desse ponto de vista, podemos entender a psicopedagogia como um acompanhamento que facilita a inserção de alunos que demonstram dificuldades de aprendizado.

FERREIRA (1982, P.1412) Psicopedagogia “é o estudo da atividade psíquica da criança e dos princípios que daí decorrem, para regular a ação educativa do indivíduo”. Ferreira vai sugerir através de seu estudo que as características psíquicas do indivíduo estão diretamente ligadas a forma de aprendizagem. Em casos em que a criança apresenta dificuldade, deve ser submetido a exames de profissionais de várias áreas e trabalhar em conjunto para que seu desenvolvimento se torne compatível.

Segundo MULLER, a Psicopedagogia liga-se as características da aprendizagem humana, como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por outros fatores; como e porque se produzem as alterações da aprendizagem, como reconhecê-las e tratá-las, que fazer para preveni-las, e para promover processos de aprendizagem que tenham sentido para os participantes.

Esse objeto de estudo, que é um sujeito a ser estudado por outro sujeito, adquire características específicas e depende tanto do trabalho clínico ou preventivo.

O trabalho clínico não deixa de ser preventivo, pois trata alguns transtornos de aprendizagem, podendo evitar o aparecimento de outros.

Nessa modalidade de trabalho, deve o profissional compreender o que o sujeito aprende, como aprende e porque além de perceber a dimensão da relação entre psicopedagogo e sujeito de forma a favorecer a aprendizagem.

No trabalho preventivo, a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem, é objeto de estudo da psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem.

Ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende.

Esse saber exige que o psicopedagogo recorra a teorias que lhe permitam aprender, bem como às leis que regem esse processo: as influências afetivas e as representações inconscientes que o acompanham, o que pode comprometê-lo e o que pode favorecê-lo.

O psicopedagogo precisa saber o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.

Enfim, a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem. – Como se preocupa com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem, estudando assim as características da aprendizagem humana.

É necessário comentar que a Psicopedagogia é comumente conhecida como aquela que atende crianças com dificuldades de aprendizagem. É notório o fato de que as dificuldades, distúrbios ou patologias podem aparecer em qualquer momento da vida e, portanto, a Psicopedagogia não faz distinção de idade ou sexo para o atendimento.

Atualmente, a Psicopedagogia vem se firmando no mundo do trabalho e se estabelecendo como profissão.

Objeto de Estudo da Psicopedagogia

No livro da Nádia Bossa, a Psicopedagogia no Brasil, a autora cita vários autores no que se refere ao objeto de estudo da psicopedagogia, vejam a seguir:

Para Kiguel, “o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando

em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência de meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento” (1991, p. 24).

De acordo com Neves, “a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.” (1991, p. 12).

Segundo Scoz, “a psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os.” (1992, p.2).

Para Golbert, “o objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento enquanto educável. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.” (1985, p. 13).

Para Rubinstein, “Num primeiro momento a psicopedagogia esteve voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, tendo como objetivo fazer a reeducação ou a remediação e desta forma promover o desaparecimento do sintoma.”

E ainda, “a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm nesse processo.” (1992, P. 103).

Do ponto de vista de Weiss, “a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores” (1991, P. 6).

Com referência aos profissionais brasileiros supracitados, pode-se verificar que o tema aprendizagem ocupa-os e preocupa-os, sendo os problemas desse processo (de aprendizagem) a causa e a razão da Psicopedagogia.

Pode-se observar esse pensamento traduzido nas palavras de profissionais argentinos como Alicia Fernandez, Sara Paín, Jorge Visca, Marina Müller, etc., que atuam na área e estão envolvidos no trabalho teórico. Para eles, “a aprendizagem com seus problemas” constitui-se no pilar-base da Psicopedagogia.

Segundo Jorge Visca, a Psicopedagogia, que inicialmente foi uma ação subsidiária da Medicina e da Psicologia, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuída de um objeto de estudo – o *processo de aprendizagem* – e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios.

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio.

Ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende. É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.

Segundo Bossa, faz-se, desta maneira, imperioso que, enquanto psicopedagogos, aprendemos sobre como os outros sujeitos aprendem e também sobre como nós aprendemos.

Para Alicia Fernández, esse saber só é possível com uma formação que os oriente sobre três pilares: -prática clínica, construção teórica, tratamento psicopedagógico-didático.

De acordo com Alicia Fernández (1991), todo sujeito tem a sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer. No trabalho clínico, conceber o sujeito que aprende como um sujeito epistêmico-epistemofílico implica procedimentos diagnósticos e terapêuticos que considerem tal concepção. Para isso, é necessária uma leitura clínica na qual, através da escuta psicopedagógica, se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção.

Ainda de acordo com Alicia Fernández, necessitamos incorporar conhecimentos sobre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, estando estes quatro níveis basicamente implicados no aprender. Considerando-se o problema de aprendizagem na interseção desses níveis, as teorias que ocupam da inteligência, do inconsciente, do organismo e do corpo, separadamente, não conseguem resolvê-lo.

Faz-se necessário construir, pois, uma teoria psicopedagógica fundamentada em conhecimentos de outros corpos teóricos, que, ressignificados, embasem essa prática.

Embasamentos Teóricos

Fundamentos da psicopedagogia implica refletir sobre as suas origens teóricas; desde o seu parentesco com a Pedagogia, que traz as indefinições e contradições, de uma ciência cujos limites são os da própria vida humana.

Como já mencionamos a psicopedagogia necessita de várias áreas para compor o seu objeto de estudo: Psicologia, Filosofia, Neurologia, Sociologia, Linguística e a Psicanálise, etc...

O conhecimento de diversas áreas segundo os autores Argentinos e Brasileiros servem para fundamentar a constituição de uma teoria psicopedagógica.

Devido à complexidade do seu objeto de estudo, são importantes à psicopedagogia, conhecimentos específicos de diversas outras teorias, como:

- » Psicanálise, que se encarrega do inconsciente;
- » Psicologia Social, que visa a constituição do sujeito e suas relações familiares grupais e institucionais, em condição socioculturais e econômicas;
- » Epistemologia / Psicologia genética, que analisa e descreve o processo de como se constrói o conhecimento em interação com outros e com os objetos.
- » Linguística, encarrega-se da compreensão da linguagem. Pedagogia, contribui com as diversas abordagens do processo ensino aprendizagem;
- » Neuropsicologia, possibilita a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjazem ao aprimoramento das atividades mentais. Etc...

Dessa forma todas essas teorias (áreas) fornecem meios para refletir e operar no campo psicopedagógico.

Os profissionais da psicopedagogia, sustentam a sua prática em pressupostos teóricos. Fundamentados em estudos correlacionados de diversas áreas.

O foco de atenção do psicopedagogo, é a reação do sujeito diante das tarefas, considerando resistências, bloqueios, lapsos, hesitações, repetição, sentimentos de angústias.

Atualmente, a Psicopedagogia refere-se a um saber e a um saber-fazer, às condições subjetivas e relacionais – em especial familiares e escolares – às inibições, atrasos e desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado.

O conhecimento psicopedagógico não se cristaliza numa delimitação fixa, nem nos déficits e alterações subjetivas do aprender, mas avalia a possibilidade do sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e de fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito.

Conhecer os fundamentos da Psicopedagogia requer refletir sobre suas origens teóricas, revisando os impasses conceituais na ação da Pedagogia e da Psicologia no

processo ensino-aprendizagem, os quais envolvem tanto o social quanto o individual, tanto transformadores quanto reprodutores.

A psicopedagogia ainda se encontra em fase embrionária e seu corpo teórico encontra-se em plena construção. A cada dia surgem novas ideias, novas situações e mais transformações. Bossa diz que podemos caracterizar a psicopedagogia como uma área de confluência do psicólogo (a subjetividade do se humano como tal) e do educacional (atividade especificamente humana, social e cultural). (200,p.28).

O psicopedagogo ensina como aprende e, para isso, necessita aprender o aprender e a aprendizagem. Na aprendizagem o indivíduo ao se apropriar de conhecimentos e técnicas, constrói na sua interiorização um universo de representações simbólicas.

Historicamente, a Psicopedagogia nasceu para atender a patologia da aprendizagem, uma vez que acredita que muitas dificuldades de aprendizagem se devem a inadequação da psicopedagogia institucional e familiar.

Devido a complexidade do seu objeto de estudo são importantes à Psicopedagogia conhecimentos específicos de diversas outras teorias, as quais incidem sobre os seus objetos de estudos, como já mencionado anteriormente: como seres humanos, nos diferenciamos pela nossa capacidade de aprender, mudar, fazer história, na qual o pensar alicerça esse processo de mutação. Pensar envolve duvidar, perguntar, questionar.

É uma maneira de investigar, pesquisar o mundo e as coisas, por isso mesmo encerra algo que perturba, provoca mal-estar, insegurança, porque aquilo que nos parecia seguro foi atingido em nosso pensamento.

A Epistemologia e a Psicologia Genética se encarregam de analisar e descrever o processo construtivo do conhecimento pelo sujeito em interação com os outros e com os objetos.

A linguística traz a compreensão da linguagem como um dos meios que

caracterizam tipicamente o humano e cultural: a língua enquanto código disponível a todos os membros de uma sociedade e a fala como fenômeno subjetivo, evolutivo e historiado de acesso a estrutura simbólica.

A Pedagogia contribui com as diversas abordagens do processo ensino-aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina. Os fundamentos na Neuropsicologia possibilitam a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjazem ao aprimoramento das atividades mentais, indicando-nos a que correspondem do ponto de vista orgânico, todas as evoluções ocorridas no plano psíquico.

Neste trabalho de ensinar e aprender, o psicopedagogo recorre a critérios diagnósticos no sentido de compreender a falha na aprendizagem. A investigação diagnóstica envolve a leitura de um processo complexo: como o individual, o familiar atual e passado, o sociocultural, o educacional e a aprendizagem. Atualmente, portanto, a Psicopedagogia refere-se a um saber, e a um saber a fazer, as condições subjetivas e relacionais especialmente familiares e escolares – as inibições, atrasos e desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado.

O conhecimento psicopedagógico avalia a possibilidade do sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e de fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito. O trabalho clínico não deixa de ser preventivo, pois ao tratar alguns transtornos de aprendizagem, pode evitar o aparecimento de outros. Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo: o Detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; o Participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, a fim de favorecer o processo de integração e troca;

» Promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos;

» Realizar processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual ou grupal.

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir.

Numa linha preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola. Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca; promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos; realizar processo de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo.

O psicopedagogo pode atuar tanto na área da saúde como na educação, já que o seu saber visa compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana. Também nas empresas, ou seja, onde houver uma relação de ensino e aprendizagem.

O primeiro aspecto a ser considerado quando buscamos um trabalho com a autonomia das crianças é o lugar social e subjetivo que ela ocupa.

As preocupações de Piaget foram desde cedo bem definidas e podem ser resumidas a algumas grandes questões, como a da gênese das estruturas lógicas do pensamento da criança e a maneira como elas funcionam, e, conseqüentemente, a questão dos procedimentos do conhecimento que a criança põe em ação, o que coloca o problema da Epistemologia Genética no quadro da Epistemologia Geral.

Em certo momento da vida de Piaget, ele observa seus próprios filhos em colaboração com a esposa, o resultado de cinco anos de investigações é publicado essencialmente em duas obras que dominam o período: (O Surgimento do Pensamento da Criança), 1936 e (A Construção do real da Criança) 1937. Piaget - escreve Vinh Bang - consagrou-se essencialmente ao estudo das primeiras manifestações da inteligência, desde os esquemas sensório-motores até as formas mais elementares de representação, da imitação e do pensamento simbólico. Para o leitor familiarizado com esses dois livros, pode parecer que Piaget recorre ao método de simples observação e que assim sua reflexão metodológica anterior esteja, senão ausente, ao menos posta de lado, na realidade não se trata disso.

O psicólogo, que se tornou pai, tenta simplesmente ver, em seus filhos, de que maneira surgem as primeiras manifestações da inteligência. Se Piaget abordou o estudo da

inteligência anterior a linguagem, não foi somente porque tinha filhos que facilitavam as suas investigações. Além de saber perfeitamente o que deveria observar, ele verificava de algum modo - ou experimentava - uma ideia importante, a saber, que a inteligência é a forma tomada pela adaptação biológica no nível da espécie.

Era preciso descobrir como se constitui a primeira forma assumida pela inteligência da criança, estabelecendo o inventário diário de suas aquisições. Naturalmente a inteligência sensório-motora não é mais do que a forma mais humilde - mas fundamental no sentido em que não apenas as outras dela dependem como não poderiam sem ela existir - assumida pela inteligência humana. Ela é essencialmente uma inteligência sem pensamento, sem representação e sem linguagem.

Ao observar os moluscos nos lagos suíços que, para se adaptarem ao meio no qual se encontram são levados a se transformar fixando-se ao suporte, modificando assim as suas conchas, Piaget funda a psicologia sobre a adaptação do homem ao meio e cria a epistemologia da interação sujeito/meio ambiente.

Isso significa que considerando que todo conhecimento é o produto de interações entre um sujeito e o seu meio, o conhecimento provém da atividade do sujeito e, particularmente, de sua capacidade para extrair as propriedades ao elemento do meio ou do objeto. Mas conhecer, nesse sentido, comporta, de um lado, o que seria extraído do objeto, suas qualidades próprias que podem ser captadas pela atividade perceptiva; de outro, o que o sujeito nele introduz, transformando-o. Assim, por exemplo, esta pedra é negra, tem estrias, e, em uma delas, pode-se observar alguns pequenos cristais. Trata-se aqui de elementos pertencentes à pedra, que o sujeito descobre através de uma simples leitura perceptiva ou constatação.

É o que o objeto fornece de si mesmo ao sujeito que o observa. Mas levantar, bater, lançar, trazer de volta, esfregar, sovar, girar de um lado para outro este objeto constituem propriedades do sujeito que, ao exercê-las sobre o objeto acaba por transformá-lo, descobrindo nele, através de sua ação, não apenas novas propriedades - como seu peso ou a sua rijeza - mas também que ele mesmo possui a capacidade de levantá-lo, calcular seu peso, girá-lo , etc.

Logo, a atividade do sujeito põe em ação propriedades que lhe são próprias, fruto

de interações anteriores que ele pôde estabelecer com o mundo que o cerca. Daí a epistemologia genética, que seria a história da organização progressiva e sucessiva das estruturas da atividade e de sua construção na e através da interação entre o sujeito e o objeto.

Essa interação comporta, se adotarmos o ponto de vista do sujeito em relação ao objeto, assimilação, ou seja, absorção pura e simples do objeto como tal pelas estruturas da atividade do sujeito, e ainda, a cada resistência do objeto, acomodação, isto é, modificação das estruturas da atividade do sujeito para que ele possa assimilar o objeto.

A epistemologia genética e a psicologia genética dela decorrentes não são, portanto, mais do que a descrição de um sujeito geral, tão geral que não existe senão como construção. Logo, o sujeito de Piaget não tem nada a ver com o sujeito concreto, o sujeito psicológico real. Ele é apenas epistêmico, universal qualquer, dirá o próprio Piaget.

Podemos assim discernir, no desenvolvimento das estruturas da inteligência, um conjunto de etapas características, denominamos estádios, que podemos reduzir a três principais, com subdivisões:

1. O estádio da inteligência sensório-motora (até 2 anos).
2. O estádio das operações concretas (de 2 a 12 anos), com os sub estádios:
 - a) Da inteligência simbólica ou da inteligência pré-operatória (2 a 7 anos).
 - b) Da inteligência operatória concreta ou das operações concretas (7 a 12 anos)
3. O estádio da inteligência operatório formal ou das operações formais (12 anos a 16 anos).

Essa divisão em estádios não é arbitrária, ela corresponde a critérios definidos, diferentemente dos estádios das demais escolas psicológicas ou de outras perspectivas de desenvolvimento.

A obra de Piaget exerceu, exerce e exercerá por muito tempo ainda uma influência considerável sobre a vida e o pensamento científico e sobre o desenvolvimento da psicologia em particular.

A Psicanálise representa um corpo de conhecimentos sobre os nossos desejos, os nossos pensamentos, e o modo como esses pensamentos estão e os desejos se expressam através dos nossos sonhos, crenças e ações. É uma teoria que procura explicar o modo como as diferenças individuais da personalidade e conflitos que surgem na infância, ou durante a infância.

A Psicanálise é também uma forma de psicoterapia, trata os distúrbios emocionais, individuais, mas é importante lembrar que enquanto a psicanálise “trabalha” com pessoas (paciente), mostrou informação muito importante sobre o comportamento humano.

Ela apresenta uma série de suposições e hipóteses indeterminadas, do que propriamente um conjunto de fatos cientificamente comprovados. A teoria psicanalista de Freud, influenciou grande parte dos estudos sobre a personalidade humana, na primeira parte do século passado.

Esta teoria foi elaborada a partir de observações feitas aos pacientes no seu consultório clínico, não foi elaborada sob condições científicas rigorosas. Freud pensava que era impossível compreender os processos patológicos se só se admitisse a existência do consciente.

A concepção dominante de homem, até então, definia-o como ser racional, que controlava os seus impulsos através da vontade. O consciente, constituído pelas representações presentes na nossa consciência e conhecido pela introspecção, constituía o essencial da vida mental do homem. Posteriormente, Freud apresentou que a personalidade humana basicamente se compõe de três instâncias: Id, ego e superego. O ID refere-se aos instintos e as repressões e governa-se pelo princípio do prazer. O superego é o nome dado às normas e exigências sociais introjetadas. Id e superego são inconscientes, enquanto que o ego, consciente, que se rege pelo princípio da realidade, tem a função ativa de atender tanto às exigências do id e do superego, buscando uma composição aceitável, para que lançará mão de mecanismos de defesa. Freud estava convencido de que os distúrbios neuróticos manifestos pelos seus pacientes tinham origem em experiências da infância. Por conseguinte, ele veio a ser um dos primeiros teóricos a atribuir um papel importante ao desenvolvimento da criança.

Na teoria psicanalítica do desenvolvimento, a criança passa por uma série de

estágios psicosssexuais. O Estágio oral vai do nascimento ao segundo ano de vida. Durante esta fase, a estimulação da boca, como sugar, morder, é a fonte primária de satisfação erótica. A satisfação inadequada nesse estágio - demasiada ou muito pouca - pode produzir um tipo oral de personalidade, uma pessoa excessivamente preocupada. No estágio anal, a gratificação vai da boca para o ânus, e as crianças derivam prazer da zona anal.

Durante esse estágio, que coincide com o período do treinamento da higiene pessoal, as crianças podem expelir ou reter fezes. Conflitos durante este período podem resultar em um adulto anal expulsivo, que é sujo, perdulário e extravagante, ou num adulto anal retentivo, demasiado aseado, parcimonioso e compulsivo. Durante o estágio fálico, que ocorre por volta do quarto ano de vida, a satisfação erótica se transfere para a região genital. Há muita manipulação e exibição dos órgãos genitais. Freud situou nesse estágio o desenvolvimento do complexo de Édipo. Freud sugeriu que as crianças sentem atração sexual pelo genitor do sexo oposto e temor pelo genitor do mesmo sexo, agora percebido como rival. As crianças que sobrevivem às muitas lutas desses primeiros estágios entram num período de latência, que dura mais ou menos do quinto ao décimo segundo ano de vida.

Então, ao ver de Freud, o início da adolescência e a proximidade da puberdade assinalam o começo do estágio para preparar para o casamento e para formar uma família.

O autor soviético Lev Semionovich Vygotsky teve um importante papel no estudo do desenvolvimento humano. Vygotsky nasceu em 1896, na Bielo-Rússia, e faleceu prematuramente aos 37 anos de idade. Ele foi considerado um dos teóricos que buscou uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista na psicologia.

O autor construiu propostas teóricas inovadoras sobre as relações entre pensamento e linguagem, a natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento infantil. A sua questão central é a aquisição de conhecimento pela interação do indivíduo com seu meio.

Nesse sentido, a formação psíquica é internalizada e mediada pela cultura. Os processos de pensamento, memória, percepção e atenção fazem parte da função mental, na qual

o conhecimento se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

É na troca com outros indivíduos e consigo próprio que vão se internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimento e da própria consciência, que é mediada pela cultura. A linguagem é compreendida por Vygotsky (1988) como mediação entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Ela transmite a cultura e forma as nossas funções mentais superiores.

Esse processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento psicológico. O indivíduo não tem acesso direto aos objetos que o rodeiam, e esse processo acaba sendo mediado pelo outro. O desenvolvimento humano é resultado das interações dialéticas do homem e seu meio sócio histórico cultural.

Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para seguir suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo. O próprio comportamento é criado e modificado ao longo da história social da civilização, e é um dos instrumentos que o ser humano utiliza para dominar o seu ambiente.

No que diz respeito ao desenvolvimento infantil, Vygotsky preconiza que devemos considerar não apenas o nível da criança, mas também o seu nível de desenvolvimento potencial, a sua capacidade de desempenhar tarefas com ajuda de outras pessoas mais capazes.

As respostas das crianças ao ambiente, no início, são desencadeadas por processos inatos. Na mediação dos adultos, os processos psicológicos mais complexos acabam tomando forma. Embora as crianças dependam de cuidados prolongados, elas participam ativamente de seu próprio aprendizado, tanto no contexto familiar quanto na comunidade.

O emprego de apoios como estratégias de ensino junto aos alunos tem origem na teoria sociocultural de Vygotsky e em seu conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

Para Vygotsky (1989), a ZDP representa a distância entre o desenvolvimento real,

que se identifica através da solução independente de um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, quando a solução de um problema acontece sob orientação de um adulto ou em colaboração com colegas mais capazes.

A Neurologia é uma importante ferramenta para identificar problemas de aprendizagem na criança. As crianças que apresentam dificuldades escolares por mau rendimento crônico, perda de conteúdo e dificuldades qualitativas e quantitativas de aprendizado devem ser sempre analisadas como resultado de três fatores:

- 1) Problemas socioculturais;
- 2) Problemas Psicoemocionais
- 3) Problemas Neurobiológicos (Fonseca,1995).

Sendo assim, a Neurobiologia deve ser estudada e encarada também com ingrediente fundamental no rol dos conhecimentos de quem ensina, já que o processo ensino-aprendizagem sofre direta influência do funcionamento cerebral.

A aquisição da capacidade de leitura e escrita e do aprendizado escolar exige um processo de complexas adaptações do sistema nervoso central às demandas da estimulação ambiental, sendo um processo mais lento e progressivo (CASELLA BARBANTE, COSTA, AMARO JUNIOR,2008).

Todo processo de aquisição de qualquer informação que chega ao cérebro deve passar por circuitos sensoriais (visão, audição, tato, paladar, olfato, etc.) os quais permitem absorver os estímulos do mundo externo e transmiti-las para o cérebro. (CASSELLA BARBANTE, COSTA, AMARO JUNIOR,2008).

As áreas mais comumente envolvidas na percepção do mundo externo estão localizadas em circuitos sensório-sensitivos na área de integração sensório-motora cortical. Esta extensa área cortical “dá sentido” ao que recebemos do ambiente e correlaciona com os nossos conceitos internos já gerados internamente. (CASSELLA BARBANTE, COSTA, AMARO JUNIOR,2008).

A Neuropsicologia é uma ciência que tenta relacionar os processos psicológicos superiores ao funcionamento cerebral, utilizando dois grandes grupos de disciplinas: as Neurociências, que elucidam a estrutura e o funcionamento cerebral, e a Psicologia, que expõe a organização das operações mentais e de comportamento (SERON,1991). O estudo das relações entre os distúrbios de linguagem e as lesões cerebrais, na Neurologia é uma das vertentes da Neuropsicologia.

Em torno da década de 30, a Neuropsicologia constitui-se em uma área interdisciplinar, compreendendo a Neurologia, a Psicologia e a Linguística. (CALDAS 2000). A Neuropsicologia cognitiva é um ramo da Neuropsicologia cujo interesse é compreender o funcionamento do cérebro normal e lesado por meio de modelos ou arquiteturas funcionais de tratamento de informação.

Este termo começou a ser usado em torno da década de 70, com a união dos conhecimentos da Neurologia, do avanço das técnicas de Neuroimagem e dos modelos do funcionamento mental, provenientes da Psicologia Cognitiva. Os dados Neuropsicológicos e a teoria cognitiva apresentam uma relação recíproca, dando suporte a Neuropsicologia cognitiva. (RIDDOCH e HUMPHREYS,1994).

Roazzi (1999), salienta a impossibilidade de dissociar totalmente, do ponto de vista psicológico, os elementos supostamente cognitivos daqueles relacionados às regras de interação social e de estruturação do contexto no qual estão inseridos os sujeitos, e menciona a existência de um novo paradigma de investigação de pesquisa cognitiva, inserindo os sujeitos, e inserindo o contexto sociocultural.

A Neurociência cognitiva social busca compreender os fenômenos em termos de interações entre três níveis de análise:

- 1) O nível social, relacionado com fatores motivacionais e sociais que influenciam o comportamento e a experiência;
- 2) O nível cognitivo; relacionado aos mecanismos de processamento da informação que sustentam o fenômeno;
- 3) O nível neural, que compreende os mecanismos cerebrais que estão subjacentes aos

processos cognitivos. (OCHSNER ELIEBERMAN,2001).

Na perspectiva da Neuropsicologia do desenvolvimento, as dificuldades de aprendizagem são entendidas como um conjunto de distúrbios sistêmicos e parciais da aprendizagem escolar, que surgem como consequência de uma insuficiência funcional de um ou vários sistemas cerebrais. (SANTANA,2001).

As práticas sociais relativas à leitura e à escrita transcendem não só os limites da escola como, também, precedem o ingresso da criança no sistema de ensino formal. (CORREA,2001). Sabe-se que a criança inicia-se no processo de alfabetização através de atividades da vida diária, a partir do uso de materiais escritos e figurativos, disponíveis em casa (CASTANHEIRA,1992).

Assim, o contexto familiar constitui um fator importante para favorecer o desenvolvimento de habilidades iniciais de leitura e escrita. Dentre as variáveis de cunho sociocultural, Witter (1996) destaca a influência do contexto histórico-cultural da própria sociedade, ambiente sociocultural mais próximo em que vive o leitor e ambiente da própria escola. Portanto, as dificuldades de leitura e escrita envolvem também fatores relacionados ao núcleo familiar, a escola e ao meio social. (DOCKRELL E MC SHANE,2000).

História da Psicopedagogia

Historicamente, segundo BOSSA (2000) os primórdios da Psicopedagogia ocorreram na Europa, ainda no século XIX, evidenciada pela preocupação com os problemas de aprendizagem na área médica.

Acreditava-se na época que os comprometimentos na área escolar eram provenientes de causas orgânicas, pois procurava-se identificar no físico as determinantes das dificuldades do aprendente. Com isto, constituiu-se um caráter orgânico da Psicopedagogia.

De acordo com BOSSA (2000), a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do

tratamento dada à questão do fracasso escolar até bem recentemente.

Nas décadas de 40 a 60, na França, a ação do pedagogo era vinculada à do médico. No ano de 1946, em Paris foi criado o primeiro centro psicopedagógico.

O trabalho cooperativo entre médico e pedagogo era destinado a crianças com problemas escolares, ou de comportamento e eram definidas como aquelas que apresentavam doenças crônicas como diabetes, tuberculose, cegueira, surdez ou problemas motores. A denominação “Psicopedagógico” foi escolhida, em detrimento de “Médico Pedagógico”, porque acreditava-se que os pais enviariam seus filhos com menor resistência.

Em decorrência de novas descobertas científicas e movimentos sociais, a Psicopedagogia sofreu muitas influências.

Em 1958, no Brasil surge o Serviço de Orientação Psicopedagógica da Escola Guatemala, na Guanabara (Escola Experimental do INEP - Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais do MEC). O objetivo era melhorar a relação professor-aluno.

Nas décadas de 50 e 60 a categoria profissional dos psicopedagogos organizou-se no país, com a divulgação da abordagem psico-neurológica do desenvolvimento humano.

Atualmente novas abordagens teóricas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, bem como inúmeras pesquisas sobre os fatores intra e extra escolares na determinação do fracasso escolar, contribuíram para uma nova visão mais crítica e abrangente.

A História da Psicopedagogia no Brasil e na Argentina

Bossa, em sua obra Psicopedagogia no Brasil faz um resumo referente a trajetória da Psicopedagogia, ressalta que o movimento da Psicopedagogia no Brasil deu-se devido ao seu histórico na Argentina.

A autora articula que encontra-se trabalhos de autores argentinos na literatura brasileira, os quais constituem os primeiros esforços no sentido de sistematizar um corpo teórico da Psicopedagogia.

A origem do pensamento argentino acerca da Psicopedagogia, está fortemente marcada pela literatura francesa. Autores como Jacques Lacan, Maud Mannoni, Françoise Dolto, Julián de Ajuriaguerra, Janine Mery, Michel Lobrot, Pierre Vayer, Maurice Debesse, René Diatkine, George Mauco, Pichón-Rivière e outros, são frequentemente citados nos trabalhos argentinos.

Relata a autora que, a Psicopedagogia nasceu na Europa, ainda no século XIX. Inicialmente, pensaram sobre o problema de aprendizagem: os filósofos, os médicos e os educadores.

De acordo com Bossa, na literatura francesa – encontra-se, entre outros, os trabalhos de Janine Mery, psicopedagoga francesa, que apresenta algumas considerações sobre o termo psicopedagogia e sobre a origem dessas ideias na Europa, e os trabalhos de George Mauco, fundador do primeiro centro médico psicopedagógico na França onde se percebe as primeiras tentativas de articulação entre Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem.

O termo psicopedagogia curativa, foi adotado por Janine Mery, usado para caracterizar uma ação terapêutica que considera aspectos pedagógicos e psicológicos no tratamento de crianças que apresentam fracasso escolar. Tais crianças “ experimentam dificuldades ou demonstram lentidão em relação aos seus colegas no qual diz respeito às aquisições escolares” (Janine Mery, 1985, p. 16).

Segundo essa autora, no final do século XIX, educadores como Itard, Pereire, Pestalozzi, e Seguin começaram a se dedicar às crianças que apresentavam problemas de aprendizagem em razão de vários tipos de distúrbios. Pestalozzi, inspirando nas ideias de Rousseau, fundou na Suíça um centro de educação através do trabalho, onde usou o método intuitivo e natural, estimulando em especial a percepção.

Educadores como Pereire, Itard e Seguin também se preocuparam principalmente com a percepção. Mery aponta esses educadores como pioneiros no tratamento dos problemas de aprendizagem, observando, porém, que eles se preocupavam mais pelas deficiências sensoriais e pela debilidade mental do que propriamente pela desadaptação infantil.

Em 1898, Edouard Claparède, famoso professor de Psicologia, juntamente com o neurologista François Neville, introduziu na escola pública as “classes especiais”, destinadas à educação de crianças com retardo mental. Esta foi a primeira iniciativa registrada de médicos e educadores no campo da reeducação (cf. Claparède, 1959). Em 1904 e 1908 iniciam-se as primeiras consultas médico-pedagógicas, as quais tinham o objetivo de encaminhar as crianças para as classes especiais.

Ainda em fins do século XIX foi formada uma equipe médico-pedagógica pelo educador Seguin e pelo médico psiquiatra Esquirol. A partir daí a neuropsiquiatria infantil passou a se ocupar dos problemas neurológicos que afetam a aprendizagem (cf. Mery, 1985, p. 11). Nessa mesma época Maria Montessori, psiquiatra italiana, criou um método de aprendizagem destinado inicialmente às crianças retardadas.

Posteriormente, o método Montessori foi estendido a todas as crianças, sendo hoje utilizado em muitas Escolas. Sua principal preocupação está na educação da vontade e na alfabetização, via estimulação dos órgãos dos sentidos – sendo por isso classificado como sensorial (cf. Montessori, 1954).

O psiquiatra Ovidir Decroly também se preocupou com a ed. infantil, utilizando técnicas de observação e filmagem para estudar as situações de aprendizagem. Criou os famosos Centros de Interesse, que perduram até os nossos dias (cf. Decroly, 1929).

Conforme Mery (1985), em 1946 foram fundados os primeiros Centro Psicopedagógicos, onde se buscava unir conhecimentos da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia para tratar comportamentos socialmente inadequados de crianças, tanto na escola como no lar, objetivando a sua adaptação.

De acordo com o professor Lino de Macedo, “a Psicopedagogia é uma (nova) área de atuação profissional que tem, ou melhor, busca uma identidade e que requer uma formação de nível interdisciplinar (o que já é sugerido no próprio termo psicopedagogia)” (1992, p. VIII).

A Psicopedagogia na Argentina

De acordo com Alicia Fernández, a graduação em Psicopedagogia surgiu há mais de trinta anos na Argentina. Na prática, a atividade psicopedagógica iniciou-se antes da criação do próprio curso. Profissionais que possuíam outra formação viram a necessidade de ocupar um espaço que não podia ser preenchido pelo psicólogo nem pelo pedagogo. Desta maneira, começaram fazendo reeducação, com o objetivo de resolver fracassos escolares.

Trabalhava-se as funções egóicas, tais como memória, percepção, atenção, motricidade e pensamento, medindo-se os déficits e elaborando planos de tratamento que objetivavam vencer essas faltas. De acordo com Bossa, Alicia afirma que o curso de Psicopedagogia passou por três momentos distintos devido a alterações nos seus planos de estudo. (Bossa e Montti, 1991, p.22).

Para Fernández e Montti, o segundo momento da Psicopedagogia na Argentina é constituído pelos planos de 1963, 1964 e 1969, nos quais se evidencia a influência da Psicologia Experimental na formação do psicopedagogo. Neste momento, busca-se a formação instrumental do profissional, ou seja, procura-se capacitá-lo na medição das funções cognitivas e afetivas.

Durante os trinta anos que se passaram desde o seu estabelecimento na Argentina, a Psicopedagogia tem ocupado um significado espaço no âmbito da educação e da saúde. Nesse processo evolutivo, é importante destacar um fato relevante que permitiu mudanças na abordagem da Psicopedagogia: da reeducação à clínica. Na década de 1970 criou-se em Buenos Aires os Centros de Saúde Mental, onde atuavam equipes de psicopedagogos que faziam diagnóstico e tratamento.

Esses profissionais observavam que, depois de um ano de tratamento, quando os

pacientes retornavam para controle, haviam “resolvido” os seus problemas de aprendizagem. Entretanto, em lugar desses problemas surgiam graves distúrbios de personalidade: fobias, traços psicóticos, etc. Os reeducadores tomaram, então, consciência de que haviam afogado o único grito que esses sujeitos tinham para se expressar, produzindo-se, pois, um deslocamento de sintoma.

A partir daí ocorre uma grande mudança na abordagem psicopedagógica. Os psicopedagogos começam a incluir no seu trabalho o olhar e a escuta clínica da Psicanálise, resultando no atual perfil do psicopedagogo argentino.

Observam Fernández e Montti que, na Argentina, a atuação psicopedagógica está ligada, fundamentalmente, a duas áreas: a educação e a saúde. A função do psicopedagogo na área educativa é cooperar para diminuir o fracasso escolar, seja este da instituição, seja do sujeito ou, o que é mais frequente, de ambos.

Esse objetivo é perseguido através de assessoramento aos pais, professores e diretores, para que possam decidir e opinar na elaboração de planos de recreação, cujo objetivo é o desenvolvimento da criatividade, do juízo crítico e da cooperação entre os alunos. Ainda na área educativa, psicopedagogo argentino atua no serviço de orientação vocacional, na passagem do 1º para o 2º e deste para o 3º grau, bem como em outras atividades que surgem em função de necessidades concretas da instituição.

Quanto a área de saúde, o psicopedagogo, na Argentina, trabalha em consultórios particulares e/ou em instituições de saúde, hospitais públicos e particulares. Sua função é reconhecer e atuar sobre as alterações da aprendizagem sistemática e/ou disfunção cerebral assistemática.

Procura-se reconhecer as alterações da aprendizagem sistemática, utiliza-se diagnóstico na identificação dos múltiplos geradores desse problema e, fundamentalmente, busca-se descobrir como o sujeito aprende. Utilizam-se, no diagnóstico, testes para melhor conhecer o paciente e a sua problemática, os quais são selecionados em função de cada sujeito. Participam do processo diagnóstico tanto o sujeito quanto os pais.

Psicopedagogia no Brasil

De acordo com Bossa, no Brasil, se explicou o problema de aprendizagem como produto de fatores orgânicos (Lefèvre, 1968, 1975, 1981; Grünspun, 1990). Nesse caminho, na década de 70 foi difundida que a causa de uma disfunção neurológica não-detectável em exame clínico, chamada mínima (DCM), fosse o problema.

No final da década de 70, surgiram os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia no Brasil, idealizados para complementar a formação dos psicólogos e de educadores que buscavam soluções para esses problemas. Esses cursos foram estruturados e, dentro desse contexto histórico, amparados num conhecimento científico, fruto de uma dinâmica sociocultural que não a nossa.

Os profissionais de Porto Alegre organizaram centros de estudos destinados à formação e atualização em Psicopedagogia – nos moldes dos cursos do Centro Médico de Pesquisas de Buenos Aires -, como o professor Nilo Fichtner, que fundou o Centro de Estudos Médicos e Psicopedagógicos na capital gaúcha. Essa formação em Psicopedagogia dá-se num quadro de referências baseado num modelo médico de atuação. Segundo Golbert (1985), “a Clínica Médica Pedagógica de Porto Alegre, dirigida pelo Dr. Nilo Fichtner desde 1970, prepara profissionais em Psicopedagogia Terapêutica”.

Neste breve histórico da Psicopedagogia no Brasil, não se pode deixar de mencionar o trabalho da professora Genny Golubi de Moraes, por sua contribuição na compreensão e tratamento dos problemas de aprendizagem. Coordenadora de cursos na PUC-SP, foi responsável pela formação de um grande número de profissionais da Psicopedagogia que hoje desenvolvem importantes trabalhos na área. Priorizou sempre o trabalho preventivo, deixando clara a sua preocupação no sentido de fazer com que cada vez menos crianças cheguem à clínica por problemas escolares.

A nova abordagem desse curso pioneiro reflete a mudança na forma de conceber a problemática do fracasso escolar e a busca pela identidade desse profissional brasileiro, que nasce como reeducador e que, ao longo do tempo, amplia o seu compromisso assumindo a responsabilidade com a diminuição dos problemas de aprendizagem nas escolas e,

consequentemente, com a redução dos altos índices de fracasso escolar.

A Associação Brasileira de Psicopedagogia não deixa de dar contornos à prática psicopedagógica em nosso País. Tem sido responsável pela organização de eventos de dimensão nacional, bem como por publicações cujos temas retratam as preocupações e tendências na área. Segundo Bossa, o trabalho psicopedagógico não pode confundir-se com a prática psicanalítica e nem tampouco com qualquer prática que conceba uma única face do sujeito. Um psicopedagogo, cujo objeto de estudo é a problemática da aprendizagem, não pode deixar de observar o que sucede entre a inteligência e os desejos inconscientes. Diz Piaget que “o estudo do sujeito ‘epistêmico’ se refere à coordenação geral das ações (reunir, ordenar, etc.) constitutivas da lógica, e não ao sujeito ‘individual’, que se refere às ações próprias e diferenciadas de cada indivíduo considerado à parte” (1970, p. 20). Desse sujeito individual ocupa-se a psicopedagogia.

O conceito de aprendizagem com o qual trabalha a Psicopedagogia remete a uma visão de homem como sujeito ativo num processo de interação com o meio físico e social. Nesse processo interferem o seu equipamento biológico, as suas condições afetivo-emocionais e as suas condições intelectuais que são geradas no meio familiar e sociocultural no qual nasce e vive o sujeito. O produto de tal interação é a aprendizagem.

Conhecer a Psicopedagogia implica um maior conhecimento de várias outras áreas, de forma a construir novos conhecimentos a partir delas. Ao concluir o curso de especialização em Psicopedagogia, o aluno está iniciando a sua formação, o que deve ser um ponto de partida para uma eterna busca do melhor conhecimento.



Módulo 02

A Figura do Psicopedagogo

Campo de Atuação

O campo de atuação está se ampliando, pois o que inicialmente caracterizava-se somente no aspecto clínico (Psicopedagogia Clínica), hoje pode ser aplicado no segmento escolar (Psicopedagogia Institucional) e ainda em segmentos hospitalares, empresariais e em organizações que aconteçam a gestão de pessoas.

O aspecto clínico é realizado em Centros de Atendimento ou Clínicas Psicopedagógicas e as atividades ocorrem geralmente de forma individual.

O aspecto institucional, como já mencionado, acontecerá em escolas e organizações educacionais e está mais voltada para a prevenção dos insucessos relacionais e de aprendizagem, se bem que muitas vezes, deve-se considerar a prática terapêutica nas organizações como necessária.

De acordo com Júlia Eugênia Gonçalves, Mestra em Educação e Psicopedagoga, “é preciso que seja feita uma ressalva quanto a maneira como a Psicopedagogia encara a aprendizagem humana, vista sempre como uma feição própria do indivíduo se relacionar com o Conhecimento gerado e armazenado pela Cultura e os problemas de aprendizagem como oriundos de fraturas ocorridas nessa relação, vínculos mal estabelecidos entre aprendentes e ensinantes, seja por fatores de natureza orgânica, cognitiva ou emocional.”

O trabalho psicopedagógico, portanto, não se apresenta como reeducativo, mas, sim, como terapêutico (uma terapia centrada na aprendizagem); não se dirige para um público específico, porque aprendentes somos todos nós, humanos:

Crianças, jovens, ou velhos que nos mantemos vivos e atuantes, enquanto aprendemos e ensinamos e podemos contribuir com a nossa marca para a evolução da humanidade.

Ainda segundo Julia, “a atuação do psicopedagogo difere daquela do psicólogo, pois este não está preocupado especificamente com a aprendizagem, como aquele. Costumo dizer que o ser humano, em sua complexidade, sempre articula uma maneira de pedir ajuda, quando está em dificuldades de qualquer natureza.

Seja a criança, apresentando uma dificuldade específica na Escola ; seja o jovem , fazendo muitas vezes uma verdadeira negação da escolaridade e enveredando pela marginalidade; seja o idoso, entrando em depressão por se julgar incapaz de aprender e continuar contribuindo para sua comunidade . Quando esse pedido de ajuda se dá via aprendizagem, aí deve atuar o psicopedagogo, por ser o profissional cuja formação o habilita para compreender e atender tais solicitações.

A Psicopedagogia aplicada a segmentos hospitalares e empresariais está voltada para a manutenção de um ambiente harmônico e à identificação e prevenção dos insucessos interpessoais e de aprendizagem. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo.

É possível perceber que a Psicopedagogia também tem papel importante em um novo momento educacional que é a inserção e manutenção dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) no ensino regular, comumente chamada inclusão.

Entende-se que colocar o aluno com NEE em sala de aula e não criar estratégias para a sua permanência e sucesso escolar inviabiliza todo o movimento nas escolas. Faz-se premente a necessidade de um acompanhamento e estimulação dos alunos com NEE para que as suas aprendizagens sejam efetivas.

Poderão exercer a profissão de Psicopedagogo no Brasil os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas nos termos da legislação pertinente.

O Psicopedagogo

1) Possibilita intervenção visando à solução dos problemas de aprendizagem tendo como enfoque o aprendiz ou a instituição de ensino público ou privado.

2) Realiza o diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas próprias da Psicopedagogia.

3) Atua na prevenção dos problemas de aprendizagem.

4) Desenvolve pesquisas e estudos científicos relacionados ao processo de aprendizagem e seus problemas.

5) Oferece assessoria aos trabalhos realizados em espaços institucionais.

6) Orienta, coordena e supervisiona cursos de especialização de psicopedagogia, em nível de pós-graduação expedidos por instituições, devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da legislação vigente.

O psicopedagogo, no Brasil, ocupa-se das seguintes atividades conforme Lino de Macedo:

7) Orientação de estudos – organizando a vida escolar da criança quando esta não sabe fazê-lo espontaneamente como ler um texto, como escrever, como estudar, etc.

8) Apropriação dos conteúdos escolares – propiciar o domínio de disciplinas escolares que a criança não vem atingindo bons resultados.

9) Desenvolvimento do raciocínio – Os jogos são muito utilizados, criando um contexto de observação e diálogo sobre processos de pensar e de construir o conhecimento.

10) Atendimento a criança – Atende a deficientes mentais, autistas, hiperativos ou com comportamentos orgânicos mais graves, podendo até substituir o trabalho da escola.

Para Alicia Fernández, esse saber só é possível com uma formação que se oriente sobre três pilares:

- » Prática clínica: em consultório individual, grupal e familiar;
- » Construção teórica: permeada pela prática;
- » Tratamento psicopedagógico-didático: construção do olhar e da escuta clínica.

Projeto Lei

Projeto Lei n. 3124/97 do Deputado Barbosa Neto que regulamenta a profissão do Psicopedagogo e cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicopedagogia.

O psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos problemas no processo de aprender. O Psicopedagogo está capacitado a lidar com as dificuldades de aprendizagem, um dos fatores que leva a multirepetência e à evasão escolar, conduzindo a marginalização social.

Campo de Atuação da Psicopedagogia

Historicamente tanto na prática preventiva como na clínica, o profissional deve estar embasado em referencial teórico na sua função preventiva, onde cabe ao psicopedagogo:

- » Detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem.
- » Participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, a fim de favorecer processos de integração e troca.
- » Promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos.
- » Realizar processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo.

Competência do Psicopedagogo

Competência é qualidade de quem é capaz de resolver certo assunto, fazer determinada coisa. Implica em capacidade, habilidade para o exercício de uma função.

Competente não é só quem possui uma aptidão, mas quem tem suficiência, propriedade e adequação na tarefa que executa. cumpre-nos analisar o que faz o psicopedagogo, qual é sua tarefa, a fim de que possamos avaliar as competências que dela derivam.

O prefixo “psi” não é moderno. Deriva de “physis”, utilizado pelos pré-socráticos para definir a totalidade de tudo que é. Para Ser, se faz necessário possuir as características da espécie humana.

Fílon, de Alexandria, desvelava a condição humana dentro de um quatérnio:

- » Basar, soma – dimensão corporal;
- » Nephesh – dimensão psíquica;
- » Nous – dimensão consciente, cognitiva;
- » Pneuma-o sopro – dimensão espiritual.

Sara Paín, utiliza também um quatérnio para explicar as vias pelas quais os seres humanos chegam ao “Conhecimento”. Estas quatro estruturas permitirão ao bebê captar o conhecimento, para reproduzir-se como humano, para ser. São elas:

- » O organismo – substrato biológico;
- » O corpo – lugar da identidade;
- » Estruturas cognitivas – inteligência
- » Estrutura simbólica – função semiótica (sinais, signos e símbolos)

Podemos, então, concluir que psi – é um prefixo aplicável a seres humanos e que psicopedagogos trabalham com esta categoria.

Ser humano é então, desde a antiguidade, ser diferente.

Ser humano é ser aprendente, recriando e criando conhecimentos. Ser humano é buscar a liberdade na obrigação da interpretação. Esta é sua dialética.

Para realizar um trabalho “psi”, necessário se faz, portanto, interpretar.

O homem é o único animal hermenêutico. Ele é dotado de um pensamento reflexivo, que o capacita a fazer um juízo de valor sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a realidade que o cerca.

Desde o início da História da humanidade, temos testemunhos do trabalho de alguns psis.

Quem nos apresenta a eles é Fílon, que assim denomina um grupo de homens de cultura helenística.

Os terapeutas eram hermeneutas habilitados na arte da interpretação dos textos sagrados, dos sonhos e dos eventos da existência.

Aqueles que Fílon de Alexandria chamava de terapeutas tinham uma maneira de viver bem diferente daquela que vivenciam os que hoje levam esse nome.

O psicopedagogo será um terapeuta? Esta pergunta tanto atrai como amedronta.

É a dialética de uma atividade ainda não totalmente especificada e regulamentada.

Terapia é, sem dúvida nenhuma, “arte da interpretação”.

Efeitos e afetos modificam-se em direção a um melhor ou a um pior, de acordo com o sentido que se dá a um sofrimento, um evento, um sonho ou um texto. Os acontecimentos são o que são, o que se faz deles depende do sentido que se lhes dá.

A palavra therapeutes precisa ser melhor especificada. Ela pode apresentar dois sentidos principais a partir do verbo de que provém:

1. servir, cuidar, honrar
2. tratar, sarar

Terapeuta é aquele que cuida, que se desvela em direção ao outro procurando aliviar-lhe os sofrimentos. É aquele que cuida, não o que cura. Ele está lá apenas para por o sujeito nas melhores condições possíveis, a fim de que este atue e venha a se curar.

Terapeuta é também aquele que honra, e que, portanto, é responsável por uma ética subjacente à sua atividade. Neste sentido, os terapeutas são também filósofos, porque estão sempre em busca da verdade que se encontra por detrás das aparências.

O homem é seu livro de estudos e ele ama o Homem e a sabedoria que dele se origina. Isso pode parecer uma utopia, para muitos, mas, utopia não é o irrealizável, mas o irrealizado. Deste modo, podemos fazer uma leitura da descrição dos terapeutas, como algo semelhante ao mito fundador, original, de todas as terapêuticas.

A psicopedagogia é uma forma de terapia. Daí não haver a distinção, como lembra Alícia, entre psicopedagogia institucional e clínica. Todo trabalho psi é clínico seja realizado numa instituição ou entre as quatro paredes de um consultório. Clínica é a nossa atitude de respeito pelas vivências do outro, de disponibilidade perante seus sofrimentos, de olhar e de escuta além das aparências que nos são expostas.

O psicopedagogo é um terapeuta que trabalha com esta característica básica do ser humano que é a aprendizagem

Fílon define os terapeutas como aqueles que cuidavam do corpo, das imagens e dos arquétipos que o animam, do desejo e do Outro.

Vejamos o que eu penso que ele queria dizer com isto e como podemos estabelecer uma relação deste quádruplo, com a competência do psicopedagogo:

» Cuidar do corpo: não o corpo compreendido como organismo. Lembremo-nos de Sara Pain e da distinção que ela traça entre estas duas estruturas. O corpo de que cuidamos é aquele transversalizado pelo desejo, um corpo animado (ânima – aquilo que anima, que dá o movimento). Não um corpo objeto, mas um corpo sujeito, que “fala”. Cuidar do corpo é prestar atenção ao sopro que o anima e que possibilita a aprendizagem. É preciso um movimento para que ocorra aprendizagem. Caberá ao terapeuta a função de dialogar com este corpo, desatando os nós que se colocam como impelidos á vida e à inteligência criativa.

» Cuidar do Ser: uma escuta e um olhar dirigida para aquele que é, ou seja, para aquilo

que não se apresenta como doentio e mortal. Cuidar do ser é não estar voltado primeiramente para a doença ou para o doente, mas para aquilo que se acha fora do alcance da doença e que mantém o sujeito vivo. É olhar em primeiro lugar para aquilo que vai bem, para o ponto de luz que pode dissipar as trevas. É cuidar no homem aquilo que escapa ao homem, abrindo espaços para modificações, para mudanças, um espaço onde o homem possa se recolher e descansar, encontrando seus próprios caminhos para aprender. Não é ensinar, é possibilitar aprendizagens.

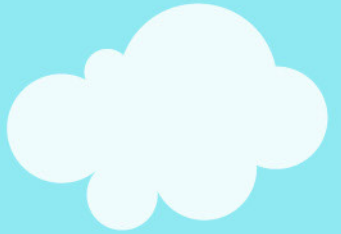
» Cuidar do desejo: uma palavra que ocorre muitas vezes na obra de Fílon é “Equilíbrio”. Cuidar do desejo é não percorrer um caminho de excessos, mas um caminho do meio. O desejo é o do Outro e o meu. No trabalho psicopedagógico não existe professor e aluno, mas ensinante e aprendente que interagem sem possuírem papéis fixos ou predeterminados. Não se trata de querer a todo custo fazer compreender, querer que o outro compartilhe as nossas mais íntimas convicções. Isso de nada serve e denota uma vontade de poder. Melhor é respeitar o do outro como se respeita o seu próprio ritmo. Cuidar do desejo é atentar para as próprias necessidades, é procurar supervisão e terapia para a melhoria de nossa escuta e de nosso olhar, que se direciona tanto para o outro como para nós mesmos.

» Cuidar do outro: A verdade é a condição da alegria, e, por isso, é necessário, ver com clareza. Isso supões sair das projeções, que não nos deixam ver o que é. É preciso” por entre parêntesis”. Isso significa olhar para uma pessoa, um acontecimento e não projetar sobre isto nossos temores e desejos, todas as nossas lembranças. É deixar de lado o próprio ponto de vista e os seus condicionamentos, ver as coisas a partir delas mesmas, em sua “outridade”. O olhar do terapeuta não deve ser claro apenas no sentido de lúcido, mas também no sentido de esclarecedor. Diante de um olhar assim, a pessoa não se sente julgada, nem menosprezada, mas aceita, e esta aceitação é a condição necessária para que se inicie o caminho de cura. Adquirir um olhar esclarecedor, para o terapeuta, é adquirir a humildade é relativizar o “eu”.

A competência do psicopedagogo está, portanto, na difícil tarefa de pôr em articulação teoria e prática. Não existe psicopedagogo enquanto o “fazer” não se inicia. Não existe Psicopedagogia sem a busca da verdade que está inscrita no conhecimento de si e do outro e na criação de novos conhecimentos.

É necessária uma integração também entre os saberes científicos, a fim de que a competência do psicopedagogo seja sentida: epistemológico - especificidades dos conhecimentos saberes científicos: metodológico -encontrar respostas pessoais aos conhecimentos em questão pedagógico - transmissão dos conhecimentos.

Escolher a psicopedagogia como terapia, fazer-se terapeuta é assumir a responsabilidade por uma formação contínua e cada vez mais aprofundada nas questões humanas, é assumir a responsabilidade por uma atividade que implica um saber interdisciplinar e eclético, sem sectarismos de qualquer espécie, é estar aberto para as mudanças.



Módulo 03

A Psicopedagogia na Prática

Os Casos Comunes Encontrados na Escola

Ansioso

Caracteriza-se por ansiedade, depressão, sentimento de inferioridade, solidão ou infelicidade.

Imaturo

É agitado, descuidado, passivo, falta-lhe iniciativa e interesse. Apresenta reações afetivas sem razão aparente, como chorar ou gargalhar.

Hiperatividade

Tem um tempo de concentração curto, é incansável;

Explosivo

Não controla seus impulsos agressivos, tem atitudes destrutivas com relação ao material escolar, resiste a submeter-se a regras.

Autismo

Caracteriza-se por respostas anormais e estímulos auditivos ou visuais e por problema grave quanto à compreensão da linguagem falada.

Agrafia

Impossibilidade de escrever e reproduzir os seus pensamentos por escrito.

Discalculia

Dificuldade para a realização de operações matemáticas usualmente ligadas a uma disfunção neurológica, lesão cerebral, agnosias digitais e deficiente estruturação espaço-temporal.

Dsgrafia

Escrita manual extremamente pobre ou dificuldades de realização dos movimentos motores necessários a escrita.

Dislexia

A criança é inteligente e criativa, porém, apresenta dificuldades de leitura, escrita e soletração. Lê repetidas vezes, mas não entende o texto. Tem dificuldades para colocar os pensamentos em palavras. Dificuldades de lateralidade. Excelente memória para experiências, lugares e rostos.

Diagnóstico Psicopedagógico Por Meio da Caixa Lúdica

A Caixa lúdica é fundamental para a compreensão dos processos cognitivos, afetivos e sociais, e sua relação com o modelo de aprendizagem do sujeito. A atividade lúdica fornece informações sobre os esquemas do sujeito.

A Caixa Lúdica não tem objetivo de avaliar as aprendizagens (o que o aprendente sabe ou não) pode-se até chegar a fazer isto, mas não como propósito final.

- Benefícios do uso da Caixa lúdica, na primeira sessão, na relação vincular.

Hora Do Jogo Diagnóstico/ Hora “Psicopedagógica” Do Jogo/ Hora Do Jogo/
Caixa Lúdica

“Sem dúvida para analisar uma criança não basta um frio conhecimento da técnica e da teoria. É necessário ter algo do prazer que sente a criança ao brincar, manter algo da ingenuidade, da fantasia e da capacidade de assombro, que são inerentes a infância” (ABERASTURY, 1982).

A relação vincular entre o terapeuta e a cliente baseada na confiança e segurança. Os objetivos da sessão lúdica devem ser de provocação (Weiss, 2004)

A Caixa Lúdica

O Material da Caixa Lúdica

Na Caixa lúdica a criança encontrará material didático, mas o objetivo da caixa lúdica não é avaliar a aprendizagem, sua função é criar e fortalecer o vínculo terapêutico do sujeito.

O foco de atenção do psicopedagogo é a reação do sujeito diante das tarefas, considerando resistências e bloqueios, lapsos, hesitações, repetição, sentimentos de angústia.



Objetivos da Caixa Lúdica

- » Estabelecer vínculo com o aprendente;
- » Observar a modalidade de aprendizagem;
- » Deixar o aprendente projetar suas ansiedades, suas dificuldades intrapsíquicas.
- » Diminuir a tensão do primeiro encontro cliente-sujeito terapeuta;
- » Estabelecer uma forma de diálogo entre cliente – terapeuta;
- » Usar a brincadeira como forma de entrevista não direcionada; onde se pergunta a criança e nem percebe que está sendo entrevistada;
- » Diminuir os mecanismos de defesa psíquicos durante a avaliação;
- » Servir de base para o primeiro levantamento de hipótese;

Aspectos da Sessão Lúdica na Aprendizagem (WEISS, 1997)

» Enquadramento diagnóstico: consiste em como o terapeuta coloca o sujeito na sessão, o uso da sala, do tempo, do material. Limites gerais de segurança da pessoa, de conservação do material e da sala. O papel do terapeuta (observar, compreender, cooperar, ser participante ativo, registrar)

» Seleção do Material dependerá do objetivo específico da sessão, do tempo disponível e da idade da criança.

» Observação: O terapeuta vai observar aspectos do conhecimento que já possui, do seu funcionamento cognitivo e suas relações vinculares.

Aspectos da Avaliação Diagnóstica (CHAMAT, 1997)

» O inventário: A criança classifica os materiais, seja por mera manipulação, seja experimentando o funcionamento, ou seja, olhando dentro da caixa, favorecendo as possibilidades de ação.

» A organização: O material passa a ser utilizado para um ação, uma organização simbólica. Nessa fase a criança combina, ajusta os materiais na busca de um fim antecipado, aceitando e descartando possibilidades.

» A integração: O sujeito incorpora o que fez aos seus esquemas anteriores, jogando, brincando com a sua confecção. É o momento em que dá sentido à sua criação. A aprendizagem propriamente dita.

A Caixa e os Materiais

» Material da Caixa lúdica: madeira, papelão ou plástica.

» Medida da Caixa lúdica: 40 cm x 50 cm x 60 cm.

» Materiais/brinquedos para colocar dentro da caixa:

» Brinquedos: Carrinho, brinquedos de casinha, dinheiro de brinquedo, dominó, bonecas, aviões, motos, bonecos, etc.

» Jogos: pega vareta, quebra-cabeça, lego

» Retalhos de tecidos, soldados, aparelhos a pilha.

» Materiais pedagógicos: Apontador, canetas, cola, borracha, caixa de giz de cera, caixa de lápis de cor, lápis preto, massa de modelar, moto, papéis variados, papel sulfite de várias cores, etc.

Como Usar a Caixa Lúdica

» Apresentação do material: o terapeuta lança a consigna mostrando à criança que ela pode usar o que quiser da caixa e ele ficará só observando.

» Deve explicar que terá um tempo estipulado e que ele avisará quando acabar. (30 minutos)

1. Observação – 15 minutos - a criança brinca sozinha

2. Construção de vínculos e exploração oral - 15 minutos (o terapeuta participa da brincadeira)

- Consigna: Aqui está uma caixa com muitas coisas e você pode brincar com tudo o que quiser, enquanto isso eu vou observar o que você está fazendo, quando terminar o tempo eu te aviso.

Cuidado Psicopedagógico

O psicopedagogo deve ter cuidado com julgamentos precoces e divisões de atitudes baseadas nos conceitos de certo/errado e ter um olhar dirigido ao sujeito, que é único, peculiar, tem sua própria história e portanto suas atitudes ou falta delas são reflexo dessa constituição.

O Psicopedagogo:

» Possibilita intervenção visando à solução dos problemas de aprendizagem tendo como enfoque o aprendiz ou a instituição no ensino público ou privado.

»

» Realiza o diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas próprias da Psicopedagogia;

» Atua na prevenção dos problemas de aprendizagem

» Desenvolve pesquisas e estudos científicos relacionados ao processo de aprendizagem e seus problemas;

» Oferece assessoria psicopedagógica aos trabalhos realizados em espaços institucionais, inclusive no ensino superior;

» Orienta, coordena e supervisiona cursos de especialização de psicopedagogia, em nível de pós-graduação, expedidos por instituições ou escolas devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da legislação vigente.

O Que O Psicopedagogo Observa no Indivíduo

- » Coordenação motora ampla;
- » Aspecto sensório-motor;
- » Dominância lateral;
- » Desenvolvimento rítmico;
- » Desenvolvimento motor fino;
- » Criatividade;
- » Evolução do traçado e do desenho;
- » Percepção e discriminação visual e auditiva;
- » Percepção espacial;
- » Percepção Viso-motora;
- » Orientação e relação espaço-temporal;
- » Aquisição e articulação de sons;
- » Aquisição de palavras novas;
- » Elaboração e organização mental;
- » Atenção e concentração;
- » Expressão plástica;
- » Aquisição de conceitos;
- » Discriminação e correspondência de símbolos;
- » Raciocínio lógico matemático.

A Psicopedagogia há muito tempo é reconhecida, respeitada e regulamentada em países culturalmente desenvolvidos como: Argentina, Estados Unidos, França (onde surgiu em meados do sec. XIX) . Neuropediatras, Psiquiatras e Educadores, começaram a estudar e trabalhar temas pertinentes a problemas relacionados com a conduta e o comportamento do indivíduo, principalmente com relação ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, orgânico e motor.

A Práxis Psicopedagógica

A práxis psicopedagógica é entendida como o conhecimento dos processos de aprendizagem nos seus aspectos cognitivos, emocionais e corporais.

1. Psicopedagogia Clínica

Diagnostica, orienta, atende em tratamento e investiga os problemas emergentes nos processos de aprendizagem. Esclarece os obstáculos que interferem para haver uma boa aprendizagem. Favorece o desenvolvimento de atitudes e processos de aprendizagem adequados. Realiza o diagnóstico-psicopedagógico, com especial ênfase nas possibilidades e perturbações da aprendizagem; esclarecimento e orientação vocacional operativa em todos os níveis educativos.

A psicopedagogia no campo clínico emprega como recurso principal a realização de entrevistas operativas delicadas e a progressiva resolução da problemática individual e/ou grupal daqueles que a consultam.

2. Psicopedagogia Institucional

A psicopedagogia vem atuando com muito sucesso nas diversas Instituições, sejam escolas, hospitais e empresas. Seu papel é analisar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e ajuda o desenvolvimento dos projetos favoráveis a mudanças.

Portanto o objetivo do psicopedagogo é o de:

» Conduzir a criança ou adolescente, o adulto ou a Instituição a reinserir-se, reciclar-se numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as possibilidades e interesses dela.

» Promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das pessoas em atendimento profissional, valendo-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação Interprofissional.

» Atender indivíduos que apresentem dificuldades para aprender por diferentes causas, estando assim, inadaptados social ou pedagogicamente.

» Encorajar aquele que aprende à tornar-se cada vez mais autônomo em relação ao meio, em interagir com os colegas e resolver os conflitos entre eles mesmos; a ser independente e curioso; a usar iniciativa própria; Ter confiança na habilidade de formar ideias próprias das coisas; a exprimir suas ideias com convicção e conviver construtivamente com medos e angústias.

A Psicopedagogia tem muito a ensinar sobre o vínculo professor/aluno, professor/escola e sua incidência na construção do conhecimento e na constituição subjetiva de alunos e educadores.

Essa área tem trabalhado com as relações entre as modalidades de ensino da escola e dos professores e as modalidades de aprendizagem de alunos e educadores.

A Psicopedagogia oferece inúmeros conhecimentos e formas de atuação para a abertura de espaços objetivos/subjetivos onde a autoria do pensamento de alunos e professores seja possível e, conseqüentemente, a aprendizagem ocorra.

O Psicopedagogo tem realizado trabalhos com grupos de educadores resgatando suas histórias de aprendizagem, ressignificando seus modelos de aprendentes/ensinantes; têm proporcionado a abertura de espaços vivenciais para que os educadores reconheçam a própria autoria de pensamento, permitindo assim que seus alunos também sejam sujeitos pensantes. Espaços onde os educadores se conectam com a angústia de conhecer e de desconhecer redimensionando seus vínculos com os alunos.



Disortografia

Dificuldade na expressão da linguagem escrita, revelada por fraseologia incorretamente construída, normalmente associada a atrasos na compreensão e na expressão da linguagem escrita.

Cada Pessoa é Como um Diamante que Precisa Ser Lapidado

A lapidação é um trabalho que exige sabedoria, precisão e paciência. Cada pessoa é um diamante, que vem ao mundo em estado bruto. O trabalho de cada um de nós é descobrir como se lapidar para se transformar numa pedra preciosa de muito valor.

Nascemos e crescemos com determinadas características: mais explosivos, mais impacientes, tímidos, egoístas, intolerantes, malvados, irritadiços, medrosos ou impulsivos. No decorrer da vida, muitas pessoas, situações e acontecimentos participam ativamente desse processo de lapidação: Os pais e os familiares que nos influenciam, o grupo social que nos encoraja ou nos oprime, o ambiente de estudo e de trabalho que nos exige, amoldam, direciona. O que temos em excesso que precisamos abrandar? O que nos falta que precisamos desenvolver

ou expandir?

É preciso que cada um de nós pense assim: Qual será o trabalho de lapidação necessária para que eu me coloque no caminho do equilíbrio interior, que vai me proporcionar paz, harmonia, serenidade e força?

Esse é um trabalho de vida inteira; é para crianças, jovens, adultos e velinhos. E ninguém se iluda: Esse trabalho é cansativo e, às vezes, dói bastante. Mas é o que nos permite atravessar os períodos difíceis sem nos quebrar por dentro e que nos permite viver com mais alegria os períodos fáceis.

Ética Profissional

Os psicopedagogos devem seguir certos princípios éticos que estão condensados no Código de Ética, devidamente aprovado pela Associação Brasileira de Psicopedagogia, no ano de 1996.

O Código de Ética regulamenta as seguintes situações:

- » Os princípios da Psicopedagogia;
- » As responsabilidades dos psicopedagogos;
- » As relações com outras profissões;
- » O sigilo;
- » As publicações científicas;
- » A publicidade profissional;
- » Os honorários;
- » As relações com a educação e saúde;
- » A observância e cumprimento do código de ética; e as disposições gerais.

Capítulo I – Dos Princípios

Artigo 1º

A Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia. Parágrafo Único

A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relaciona do com o processo de aprendizagem.

Artigo 2º

A Psicopedagogia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas, do conhecimento humano para a compreensão do ato de aprender no sentido, ontogenético e filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprias.

Artigo 3º

O trabalho psicopedagógico é de natureza clínica e institucional, de caráter; preventivo e/ou remediativo.

Artigo 4º

Estarão em condições de exercício da Psicopedagogia os profissionais graduados em 3º grau, portadores de certificados de curso de Pós-Graduação de Psicopedagogia, ministrado em estabelecimento de ensino oficial e/ou reconhecido, ou mediante direitos adquiridos, sendo indispensável submeter-se à supervisão e aconselhável trabalho de formação pessoal.

Artigo 5º

O trabalho psicopedagógico tem como objetivo: (i) promover a aprendizagem; garantindo o bem-estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional; (ii) realizar pesquisas científicas no campo da Psicopedagogia.

Capítulo II – Das responsabilidades dos psicopedagogos

Artigo 6º

São deveres fundamentais dos psicopedagogos:

A) Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratem do fenômeno da aprendizagem humana.

B) Zelar pelo bom relacionamento com especialistas de outras áreas, mantendo uma atitude crítica, de abertura e respeito em relação às diferentes visões de mundo.

C) Assumir somente as responsabilidades para as quais esteja preparado dentro dos limites da competência psicopedagógica.

D) Colaborar com o progresso da Psicopedagogia.

E) Difundir seus conhecimentos e prestar serviços nas agremiações de classe sempre que possível.

F) Responsabilizar-se pelas avaliações feitas, fornecendo ao cliente uma definição clara do seu diagnóstico.

G) Preservar a identidade, parecer e/ou diagnóstico do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de casos.

H) Responsabilizar-se por crítica feita a colegas na ausência destes

I) Manter atitude de colaboração e solidariedade com colegas sem ser conivente ou acumpliciar-se, de qualquer forma, com o ato ilícito ou calúnia. O respeito e a dignidade na relação profissional são deveres fundamentais do psicopedagogo para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público.

Capítulo III – Das relações com outras profissões

Artigo 7º

O psicopedagogo procurará manter e desenvolver boas relações com os componentes das diferentes categorias profissionais, observando, para este fim, o seguinte:

- a) Trabalhar nos estritos limites das atividades que lhe são reservadas.
- b) Reconhecer os casos pertencentes aos demais campos de especialização, encaminhando-os a profissionais habilitados e qualificados para o atendimento.

Capítulo IV-Do sigilo

Artigo 8º

O Psicopedagogo está obrigado a guardar sigilo sobre fatos de que tenha conhecimento em decorrência do exercício de sua atividade.

Parágrafo Único

Não se entende como quebra de sigilo informar sobre o cliente a especialistas comprometidos com o atendimento.

Artigo 9º

O Psicopedagogo não revelará, como testemunha, fatos de que tenha conhecimento no exercício de seu trabalho, a menos que seja intimado a depor perante autoridade competente.

Artigo 10º

Os resultados de avaliações só serão fornecidos a terceiros interessados mediante concordância do próprio avaliado ou do seu representante legal.

Artigo 11º

Os prontuários psicopedagógicos são documentos sigilosos e não será franquiado o acesso às pessoas estranhas ao caso.

Capítulo V – Das publicações científicas

Na publicação de trabalhos científicos deverão ser observadas as seguintes normas:

- A) As discordâncias ou críticas deverão ser dirigidas à matéria em discussão e não ao autor.
- B) Em pesquisa ou trabalho em colaboração, deverá ser dada igual ênfase aos autores, sendo de boa norma dar prioridade na enumeração dos colaboradores àquele que mais contribuiu para a realização do trabalho.
- C) Em nenhum caso o Psicopedagogo se prevalecerá da posição hierárquica para fazer publicar; em seu nome exclusivo, trabalhos executados sob sua orientação.
- D) Em todo trabalho científico deve ser indicada a fonte bibliográfica utilizada, bem como esclarecidas as ideias descobertas e as ilustrações extraídas de cada autor.

Capítulo VI – Da publicidade profissional

Artigo 13º

O Psicopedagogo ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, deverá fazê-lo com exatidão e honestidade.

Artigo 14º

O Psicopedagogo poderá atuar como consultor científico em organizações que visem o lucro com venda de produtos, desde que busque sempre a qualidade dos mesmos.

Capítulo VII – Dos honorários

Artigo 15º

Os honorários deverão ser fixados com cuidado a fim de que representem justa retribuição aos serviços prestados e devem ser contratados previamente.

Capítulo VIII – Das relações com educação e saúde

Artigo 16º

O Psicopedagogo deve participar e refletir com as autoridade competentes sobre a organização, a implantação e a execução de projetos de Educação e Saúde Pública relativas a questões psicopedagógicas.

Capítulo IX – Da observância e cumprimento do código de ética

Artigo 17º

Cabe ao Psicopedagogo, por direito, e não por obrigação, seguir este código.

Artigo 18º

Cabe ao Conselho Nacional da ABPp orientar e zelar pela fiel observância dos

princípios éticos da classe.

Artigo 19º

O presente código poderá ser alterado por proposta do Conselho da ABP e aprovado em Assembleia Geral;

Capítulo X – Das Disposições Gerais

Artigo 20º

O presente código de ética entrou em vigor após sua aprovação em Assembleia Geral, realizada no V Encontro e II Congresso de Psicopedagogia da ABPp em 12/07/1992, e sofreu a 1ª alteração proposta pelo Congresso Nacional e Nato no biênio 95/96 sendo aprovado em 19/07/1996, na Assembleia Geral do III Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, da ABPp, da qual resultou a presente redação.

Assim sendo, o psicopedagogo deve ser um profissional que tem conhecimentos multidisciplinares, pois em um processo de avaliação diagnóstica, é necessário estabelecer e interpretar dados em várias áreas. O conhecimento dessas áreas fará com que o profissional compreenda o quadro diagnóstico do aprendente e favorecerá a escolha da metodologia mais adequada, ou seja, o processo corretor, com vista a superação das inadequações do aprendente.

É necessário ressaltar também que a atualização profissional é imperiosa, uma vez que trabalhando com tantas áreas, a descoberta e a produção do conhecimento é bastante acelerada.

No que diz respeito à Pedagogia, a relação que se pode estabelecer com a Psicopedagogia, é que ela representa uma das colunas de sustentação do emergente campo de conhecimento, assim como igual importância, tem a Psicologia e outras áreas de conhecimento que o permeiam.

A Psicopedagogia nasceu, especialmente, da necessidade de compreensão e atendimento às pessoas com dificuldades e distúrbios de aprendizagem e ao longo de sua estruturação, veio e vem adquirindo novas perspectivas.

O trabalho psicopedagógico tem como base as teorias de Jean Piaget, Vygostky, Howard Gardner, Henry Wallon, Freud, Perrenoud, David Ausebel, Pichon, etc..



Módulo 04

A Interação da Família Junto ao Psicopedagogo

A Família no Processo de Desenvolvimento da Criança

A família desempenha um papel primordial no processo de aprendizagem dos alunos, pois muitas vezes os pais não querem enxergar a criança com as suas dificuldades. O vínculo afetivo é primordial para o bom desenvolvimento da criança. A atuação psicopedagógica se propõe a incluir os pais no processo de desenvolvimento dos seus filhos, por intermédio de reuniões e possibilitando o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores.

Os pais quando colocam os seus filhos na escola desejam que elas sejam bem sucedidas e por isso quando este desejo não se realiza como esperado, surge a frustração, rotulando muitas vezes a criança como incapaz, surgindo conseqüentemente as dificuldades na aprendizagem.

De acordo com Polity (2000), uma criança pode desistir da escola porque aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Isso se produz, em resposta à depressão da mãe e da falta de disponibilidade emocional do pai que, de maneira inconsciente, ratifica a necessidade que tem a esposa, que seu filho a cuide.

As crianças que apresentam dificuldades na escola, na compreensão de novas habilidades, estão correndo o risco de terem problemas nas diferentes áreas escolares e na vida em geral, no seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, como um todo. Tais dificuldades são de grande importância, pois os problemas entre o potencial da criança e a sua execução, devem ser avaliados com cuidado por um profissional especializado em dificuldades de aprendizagem. Se ao papel da família acrescentássemos o papel da escola teríamos a formação de uma rede, pois ambas são responsáveis tanto pela aprendizagem como pela não-aprendizagem do sujeito.

Cada ser humano apresenta uma história diferente, uma necessidade diferente, uma expectativa diferente quando se relaciona com o outro, inclusive com o professor.

Por sua vez, o professor em sala de aula não vê o aluno com o mesmo olhar de outro professor.

Nesta perspectiva ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende. É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.



Módulo 05

Aprofundando o Conhecimento Sobre a Psicopedagogia

Artigo Complementar: 1 – A Psicopedagogia no Brasil: Uma Possível Leitura

O artigo trata do percurso da Psicopedagogia no Brasil, as diferentes concepções ao longo do tempo e a contribuição do órgão de classe na difusão e no desenvolvimento da Psicopedagogia em nosso meio.

Para esta reflexão sobre o percurso da Psicopedagogia no Brasil estarei considerando três experiências de caráter pessoal, as quais julgo importantes para se pensar nos rumos da psicopedagogia brasileira. Quero frisar que esta

leitura, deve ser compreendida como uma das possíveis leituras sobre os rumos da Psicopedagogia e da profissionalização daqueles que se dedicam a área. Esta reflexão está baseada na vivência profissional como psicopedagoga clínica; no convívio com os colegas da ABPp e como supervisora nas áreas clínica e institucional. Estas experiências me permitem acompanhar as diferentes visões que se têm sobre a Psicopedagogia e sobretudo das diferentes formas de compreender o fracasso escolar.

Em nosso país, (e acredito que em outros também), surgiram primeiramente profissionais que se dedicavam a atender crianças que por diferentes razões não conseguiam se adaptar à escola. Essas crianças ficavam à margem, eram discriminadas, sofriam. Não somente elas sofriam, mas também seus professores; alguns ficavam imobilizados, outros frustrados. Pais ficam aflitos quando seus filhos não correspondem ao que deles se espera. Todos os envolvidos: a criança, o mestre, os pais, esperam que o ato de ir à escola seja acompanhado do ato de aprender. Porém nem sempre está presente, na mente das pessoas, a concepção de que aprender é um processo complexo e que envolve múltiplas variáveis.

Os primeiros psicopedagogos eram profissionais da educação, sensíveis, idealistas, que queriam ajudar na reintegração daqueles que estavam à margem. As dificuldades para

aprender eram atribuídas a uma inaptidão. O aprendiz, possivelmente, deveria ser portador de algum distúrbio que o impedia de aprender como seus demais pares, as causas estavam depositadas principalmente nele.

Os profissionais buscavam compreender as razões do não aprender a partir de explicações sobre a natureza do desenvolvimento orgânico, sendo que, em muitos casos as dificuldades em alguns casos eram associadas à questão da maturidade psiconeurológica.

Para compreender melhor as questões das dificuldades de aprendizagem, buscavam-se respostas através dos estudos de psicologia, neurologia, psicomotricidade, porém, a ênfase estava numa prática, nas técnicas que melhor atendessem às necessidades que tinham por objetivo reeducar, isto é educar novamente através de um método mais eficaz, específico para o aprendiz que apresentasse lentidão, ou alguma inaptidão.

Para formar profissionais que atendessem as crianças com fracasso escolar, surgiram primeiramente no Brasil cursos de curta duração os quais ofereciam subsídios para entender aspectos específicos como aqueles relacionados com a psicomotricidade; linguagem e raciocínio.

Esses cursos eram ministrados por profissionais brasileiros com experiência no atendimento de crianças com dificuldades escolares ou por profissionais estrangeiros especialmente convidados, frequentemente do cone sul. Os profissionais iam construindo um currículo acadêmico a partir das oportunidades que surgiam em suas cidades e baseados também em sua formação acadêmica e em seus interesses específicos.

Os livreiros especializados que visitavam os consultórios e as instituições também contribuíram para a formação dos profissionais. Eles ofereciam materiais especializados em reeducação: livros, jogos e material pedagógico, especialmente da Argentina e da Espanha.

Nessa época os profissionais buscavam as melhores técnicas para o seu trabalho. Pessoalmente tive oportunidade de conhecer a linha de trabalho do Dr. Bernardo Quirós da Argentina, primeiramente através de seus livros e posteriormente em cursos breves oferecido

pela ABRAFA (Associação Brasileira de Fonoaudiologia) em 1977. Nessa ocasião esteve presente em nosso meio professor Jacobo Feldman, membro do Centro Médico dirigido pelo Dr. Quirós, para ministrar o curso “Distúrbios da Aprendizagem Escolar”.

Posteriormente, foram sendo formados cursos de longa duração, de especialização, que objetivavam, além de oferecer recursos para o trabalho, buscar uma compreensão mais global do fenômeno da aprendizagem e das suas dificuldades.

Em geral o público que frequentava estes cursos já vinha com alguma experiência profissional, alguns eram pedagogos, outros psicólogos e outros fonoaudiólogos.

Na década de 1970 já havia movimento científico/acadêmico em Porto Alegre, preocupado com a formação e capacitação de profissionais que atendessem a pessoas com os chamados “distúrbios de aprendizagem” ou “inaptidão para aprender”. Tratava-se do curso dirigido pelo Dr. Nilo Fichtner, médico psiquiatra, e chamava-se Psicopedagogia Terapêutica.

Os primeiros cursos formais de Psicopedagogia eram denominados de Reeducação Psicopedagógica, Psicopedagogia Terapêutica, Dificuldades Escolares, a criança-problema numa classe comum, entre outros. Esses cursos ocorreram, primeiramente, nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

Um fato histórico influenciou fundamentalmente no percurso da psicopedagogia brasileira - a fundação da Associação de Psicopedagogos, que surgiu primeiramente como Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo, em 1980, para posteriormente tornar-se Associação Brasileira de Psicopedagogia em 1985.

Este foi sem dúvida um fato marcante, pois uma associação de Psicopedagogos, tornou-se uma associação de Psicopedagogia. Há nesta passagem uma diferença fundamental, pois se assume a área de conhecimento Psicopedagogia, a partir de um órgão de classe.

Em 1985 o tema do encontro de psicopedagogos foi: “O caráter interdisciplinar na formação e atuação do profissional”. A escolha do tema sintetizava uma preocupação com a

articulação entre o saber teórico e o saber prático mediado pela formação pessoal. Fazendo um olhar a posteriori percebe-se neste evento o início da construção do tripé indivisível e fundante da Psicopedagogia: conhecimento/atuação/formação.

O conhecimento psicopedagógico não se sustenta sem a prática, e esta demanda uma formação pessoal específica. Esta articulação já vinha sendo gestada, mas foi na passagem de uma associação estadual de psicopedagogos para uma associação de caráter nacional de psicopedagogia, que se alastrou pelo Brasil afora um enfoque mais abrangente na formação profissional.

Não há como negar o fato de que, a partir da criação do órgão de classe, a Psicopedagogia ganhou força, corpo e penetração nos meios acadêmicos e reconhecimento público e oficial. Hoje existem várias prefeituras contratando profissionais que tenham especialização em Psicopedagogia.

Se no início do percurso profissional a ênfase estava nas técnicas, havia também preocupação com as teorias que melhor pudessem esclarecer o fenômeno das dificuldades de aprendizagem.

A Psicopedagogia nasceu de uma falta; fez-se necessário oferecer melhores recursos teóricos e técnicos para capacitar profissionais que já atendiam a criança com inadaptação escolar. Se no início a capacitação ocorria fora do marco acadêmico, aos poucos foram sendo criados cursos mais densos, alguns por iniciativa particular. Aos poucos a formação começou a ser efetuada dentro dos cursos de especialização após a graduação e de mestrado dentro das universidades.

A concepção de Psicopedagogia ainda não é uniforme. Poder-se-ia dizer que ao longo da construção da disciplina é possível distinguir três orientações diferentes, as quais denotam diferentes concepções desta área de conhecimento:

1ª - Reeducação: a preocupação maior está com as técnicas que melhor contribuem para promover a recuperação. As dificuldades são entendidas como distúrbios, inaptidão. O

atendimento das dificuldades de aprendizagem, no seu início, estava mais vinculado a uma visão organicista. Os educadores buscam explicações preferencialmente na neurologia. Aspectos orgânicos são motivo de preocupação dos educadores e psicólogos, testes padronizados e a normatização são super valorizados.

2ª - Psicopedagogia Dinâmica: Começava a haver uma interlocução com várias áreas do conhecimento e um distanciamento da reeducação, cresce a preocupação com aspectos da subjetividade. A aprendizagem do sujeito cognoscente, enquanto processo, é o tema central da preocupação nesta orientação de Psicopedagogia. Apesar desta tendência dinâmica, construída a partir das articulações com diferentes áreas do conhecimento, a questão não se resolveu totalmente. Não foi suficiente adquirir o conhecimento de outras disciplinas, é necessária uma construção específica, ou seja, uma tradução psicopedagógica. Não basta introduzir a Psicanálise, a Linguística, etc como disciplinas, para sair do enfoque tecnicista ou organicista; é preciso construir uma Psicopedagogia que não se confunda nem com a Psicanálise, nem com a Linguística ou demais áreas.

3ª - Psicopedagogia Transdisciplinar: A Psicopedagogia está ao mesmo tempo entre as disciplinas e além das disciplinas. Esta orientação surge a partir do momento em que os profissionais constroem instrumentos próprios, teorias e estratégias próprias. Ela vem com a maturidade sendo fruto da experiência acumulada. Dentro desta concepção busca-se avaliar o potencial de aprendizagem e o processo em si. Existe maior equilíbrio na compreensão dos aspectos da objetividade e da subjetividade. Valoriza-se a técnica do profissional, o seu estilo próprio de trabalho e não as técnicas em si.

Apesar de podermos distinguir essas três diferentes orientações/concepções dentro de uma perspectiva histórica do desenvolvimento da Psicopedagogia, elas coexistem, pois, a questão da formação profissional é complexa.

Nem todos os cursos oferecidos estão preparados para atender às necessidades dos profissionais em formação. Várias são as causas determinantes, algumas delas burocráticas, como, por exemplo, a exigência nos cursos de especialização *latu sensu*, de docentes com formação teórica e titulação, mesmo que sem experiência clínica ou institucional para dar conteúdos psicopedagógicos.

Nem sempre está presente, nas instituições que formam psicopedagogos, a preocupação com a plena capacitação profissional, pois o estágio supervisionado nem sempre é oferecido. Felizmente, estes problemas estão sendo enfrentados, pois são os próprios alunos que buscam e pedem a qualidade dos cursos.

A preocupação com a qualidade dos cursos é muito salutar, mas não conseguirá resolver toda a questão da formação profissional.

É evidente que, dentro desta área que lida especificamente com aprendizagem, não se conseguirá jamais construir um curso que corresponda plenamente a todas as necessidades. A formação continuada é uma condição para todos aqueles que queiram exercer a função de psicopedagogos, seja na área clínica ou institucional.

Paradoxalmente pode-se dizer que a Psicopedagogia surge de uma falta, mas para garantir sua existência a falta deve continuar presente. Não há como se pensar em compreender a aprendizagem, complexa como é, através de postulados prontos. Entendo que a Psicopedagogia é a disciplina da indisciplina, da discussão, dos contrapontos, do questionamento, da incerteza.

A contribuição da Psicopedagogia, hoje, ultrapassa os limites da clínica dos problemas de aprendizagem. Ela foi criada primeiramente para dar conta das dificuldades que a escola não conseguia resolver de forma adequada.

A partir do trabalho clínico, foi se construindo uma interlocução entre os terapeutas psicopedagogos e os profissionais da escola. Se no início apenas era escutado o pedido da escola em recuperar o aluno, hoje existe um movimento na direção contrária: os psicopedagogos mostram para os profissionais da escola um novo discurso, que sintetiza três postulados:

1. Dificuldades não necessariamente, são sinônimo de patologia
2. Para compreender e avaliar dificuldades, os testes padronizados não são determinantes. Através da observação criteriosa da criança em ação, de seu estilo próprio de lidar com o conhecimento e com o saber, da compreensão do contexto onde ela se insere, contexto cabe aos

profissionais levantarem as possíveis hipóteses, sobre as dificuldades que se apresentam.

3. Considerar a singularidade do sujeito e a relação vincular professor/aluno; pais/filhos podem contribuir para minimizar os efeitos da inadaptação escolar.

Presenciamos atualmente uma tendência interessante na Psicopedagogia: profissionais da Escola buscando recursos na Psicopedagogia, para melhor compreender a criança com dificuldades, há neste movimento uma preocupação salutar com a prevenção.

O olhar clínico no sentido de considerar aspectos da singularidade do aprendiz e ao mesmo tempo uma atitude questionadora, torna possível uma intervenção psicopedagógica institucional. Esta nova posição dos profissionais da instituição, torna a Escola um local onde se vive a experiência do acolhimento, da tolerância, do respeito pelas diferenças. Sabemos hoje, que a integridade, autonomia e criatividade de uma nação dependem, em grande parte, da educação oferecida pelos educadores às novas gerações. É o professor dentro de sala, nessa intimidade, quem “toma as rédeas”, quem assume esta função. É preciso tomar consciência dessa responsabilidade e se preparar continuamente para responder a essa função desafiadora, conflituosa e quem sabe até da ordem do impossível.

Hoje, os psicopedagogos estão ampliando seu olhar e seu campo de ação. Eles estão presentes onde se faz necessário aprender a aprender, nas mais diferentes instituições seja em empresas ou hospitais. O reconhecimento tem ocorrido pela contribuição e pelos efeitos da intervenção psicopedagógica.

Embora o fato da formação psicopedagógica se encaminhar rumo a uma visão transdisciplinar, devemos valorizar, sobretudo, a sua primeira condição que é a de educador. Os postulados do Relatório para a UNESCO, concretizam aquilo que para a psicopedagogia é a questão central: a aprendizagem. Potencialmente, podemos todos aprender pois é nossa condição de humanos e, ao aprender nos humanizamos. A questão central é : o educador é um possível agente de mudanças.

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, sob o título: Educação- um tesouro a descobrir, coordenado e organizado por Jacques Delors, o professor é visto como agente de mudanças e formador de caráter e do espírito das novas gerações.

Neste documento, a Educação é vista sob quatro pilares. Para que a educação cumpra seus alvos é necessário que se organize em torno de quatro aprendizagens: aprender a conhecer, isto é adquirir ferramentas básicas para aprender; aprender a fazer, isto é adquirir uma profissão, aprender a viver juntos, a participar e cooperar com os outros e finalmente aprender a ser, pela qual se desenvolve a personalidade e identidade.

Para finalizar quero novamente ressaltar o papel fundante e fundamental da ABPp neste percurso da Psicopedagogia brasileira. A ideia de criar um órgão de classe surgiu dentro de uma instituição que forma psicopedagogos: Instituto Sedes Sapientiae. Um pequeno e idealista grupo de alunos, que estava terminando sua formação, não queria interromper os estudos e resolveu criar a associação com fins científicos culturais. Estava presente também na sua fundação o desejo de ver reconhecida e regulamentada a profissão.

Isto ocorreu há mais de 20 anos. A Associação não somente nasceu para congregar e criar consciência profissional, mas também para dar continuidade à formação. A Associação nasceu e continua dentro de uma perspectiva científico cultural. É difícil imaginar a Psicopedagogia brasileira hoje sem a Associação.

Quero também lembrar o apoio recebido pelos professores do Instituto Sedes Sapientie que alimentaram o entusiasmo e acolheram os alunos no seu propósito de criar a entidade. O apoio era ideológico, mas também concreto e material, pois alguns professores ofereceram seus locais de trabalho para a primeira sede da Associação.

Provavelmente, na fundação da Associação, nem o pequeno grupo de alunos e nem os mestres poderiam pensar que hoje esta Associação organizaria tantos congressos e encontros e que a Associação pudesse contribuir para que outros profissionais dos diferentes estados da União se organizassem em sessões e núcleos.

A Associação vem organizando cursos, seminários, encontros, congressos, correspondendo à sua proposta inicial: dar continuidade à formação dos profissionais da área. Sua revista é reconhecida pela qualidade da sua produção científica. Pode-se dizer que a ABPp e a construção da identidade da Psicopedagogia caminham juntas. Nos nossos encontros, seja em pequena quanto em grande escala, são discutidas as questões de natureza teórica, de natureza

prática e ética da Psicopedagogia.

O clima de tolerância, acolhimento e convivência com as diferenças, que marcou o nascimento da Associação continua presente como marca desta agremiação. A Psicopedagogia é sem dúvida uma prática que se manifesta através de diferentes estilos. A Psicopedagogia brasileira vem construindo seu próprio caminho, ele se faz presente nas teses e monografias produzida nas Universidades e nos instrumentos de trabalho concebidos por psicopedagogos. É possível hoje olhar para a Psicopedagogia no Brasil, na sua “maioridade”, construída dentro e fora dos marcos acadêmicos.

Não há como negar em nossa formação, contribuição dos nossos primeiros mestres brasileiros, sensíveis ao sofrimento da criança com dificuldades em sala de aula, Geny Golubi de Moraes, em São Paulo, Nilo Fichtner em Porto Alegre, que entre outros, buscavam respostas para reintegrar a criança. Vieram posteriormente os mestres latino americanos: Sara Paín, Mabel Condemarin, Ana Maria Rodrigues Muniz, Jorge Visca, Alicia Fernandez. Suas contribuições foram fundamentais e determinantes. Foi com o impulso deles que pudemos sair da abordagem reeducativa e penetrar numa abordagem relacional, dinâmica. Na concepção atual de Psicopedagogia, estão incorporadas as modalidades de aprendizagem, isto é, leva-se em consideração a relação que o sujeito da aprendizagem estabelece com a construção maior do ser humano que é poder aprender, poder transformar. Pessoalmente estou convencida de que mais do que olhar para as dificuldades de aprendizagem, é necessário considerarmos o sujeito da aprendizagem em seu estilo próprio de se relacionar com o conhecimento e com o saber, inserido num contexto cultural onde está presente a sua singularidade.

A construção da identidade da Psicopedagogia vem com o tempo, com a maturidade, com a experiência dos profissionais, com a produção acadêmica, com a discussão, com a polêmica sadia, e, principalmente, com a consciência profissional advinda de uma agremiação forte e unida.

Bibliografia

Delors, Jacques - Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Editora Cortez, São Paulo, 1999.

Rubinstein, E. - Da reeducação para a psicopedagogia, um caminhar, in Rubinstein, E. org. Psicopedagogia uma prática, diferentes estilos, Casa do Psicólogo, São Paulo 1999.

Rubinstein, E. - O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer. Dissertação de mestrado em Psicologia- UNIMARCO. 2002.

Edith Rubinstein

Artigo Complementar: 2 – A Psicopedagogia: Muito Mais Que Uma Ciência, Um Caminho

Este artigo visa levantar alguns aspectos relevantes no que tange a algumas maneiras de conceituar a psicopedagogia e seu objeto de estudo do ponto de vista de alguns autores e da minha prática profissional e acadêmica, bem como de ressaltar o foco de estudo da psicopedagogia que é a aprendizagem e a forma como é vista, conceituada e como pode ser entendida. São muitas as dúvidas que ainda aquecem e atormentam as inquietantes mentes dos pesquisadores e estudantes no que tange ao que se reporta a psicopedagogia.

Da mesma forma que existem abordagens distintas na Psicologia, na Educação, na Biologia, o mesmo ocorre na psicopedagogia. Estamos nos referindo a seres humanos, com sua individualidade e suas características próprias, ou seja, a sujeitos que estão inseridos em um contexto amplo, complexo e embora comum, muito peculiar.

Todos somos dotados de um organismo, de cognição, de afetividade e partilhamos da esfera familiar, social e cultural, portanto, cada um traz consigo suas marcas, valores, crenças e atitudes que foram passados de geração para geração, que foram introjetados, que foram e são reproduzidos e também criados, de acordo com a capacidade de autoria de cada um, de acordo com a forma com a qual cada sujeito representa simbolicamente aquilo que abstrai do mundo externo e elabora ou não em seu mundo interno.

Talvez seja incorreto pensar em uma explicação, uma definição única para a psicopedagogia, um único olhar, uma vez que todos somos autores e reprodutores de

pensamento, mas de uma coisa, estamos todos falando – da aprendizagem, que é o objeto de estudo da psicopedagogia. E embora existam várias definições, algumas são passíveis de um “cruzamento” e podem delimitar a psicopedagogia como uma ciência “humana”, mas humana em sua expressão e prática, afinal ela retrata o sujeito como um ser que interage consigo mesmo e com o meio e que está em constante aprendizagem.

São muitos os olhares voltados para a psicopedagogia, no entanto alguns autores embora definam algumas características distintas, depositam um olhar semelhante, onde o que parece ser mais evidente é entender e “olhar” o sujeito em sua totalidade, mas como um sujeito que é peculiar e singular e que portanto necessita do contato com o diferente para poder socializar-se e aprender.

Para Visca (1987) a psicopedagogia possui como objeto de estudo o processo de aprendizagem com seus recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios, no qual as disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio influenciam e são influenciadas pelas condições sócio-culturais do sujeito e do seu meio.

Para Kiguel (1991, p.24) o objeto central de estudo da psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio como a família, a escola e a sociedade no seu desenvolvimento. Para Neves (1991, p.12) a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando em conta as realidade interna e externa da aprendizagem, tomados em conjunto, procurando estudar a constituição do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando equivaler os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Do ponto de vista de Weiss (1991, p.6) a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem.

O ser humano, segundo Pain, tem uma tendência natural para aprender e se não aprende é porque há algo errado, embora o ser humano seja capaz de superar-se nas próprias dificuldades. Não podemos deixar de considerar que às vezes o não aprender é que vai fazer com que o sujeito receba aquilo que necessita, inconscientemente, por ação dos

mecanismos de defesa (Freud).

De acordo com Fernandez (1991) todo sujeito tem a sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer, necessitando incorporar conhecimentos sobre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, estando esses quatro níveis basicamente implicados no aprender.

Segundo Fernandez (2001) é preciso ver o sujeito inserido em um espaço objetivo e subjetivo de construção de autorias de pensamento e olhar ensinantes e aprendentes com suas capacidades conscientes, sua afetividade, seu imaginário e sua sexualidade.

De acordo com Pain (1987, p.15) “nesse lugar do processo de aprendizagem coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a tantas outras estruturas teóricas, de cuja engrenagem se ocupa e se preocupa a epistemologia, nos referimos principalmente ao material histórico, à teoria piagetiana da inteligência e à teoria psicanalítica de Freud, enquanto instauram a ideologia, a operatividade e o inconsciente.”

Assim como elucida Bossa (1987), os autores brasileiros Neves, Kiguel, Scoz, Golbert, Barone, Weiss, Rubstein e outros, assim como os argentinos Fernandez, Pain, Visca, Muller, são unânimes quanto à necessidade de conhecimentos de diversas áreas que, articulados, fundamentam a constituição de uma teoria psicopedagógica capaz de fornecer meios para refletir cientificamente e atuar no campo da psicopedagogia.

No que tange a refletir cientificamente, há a possibilidade dessa reflexão se transformar em aprendizagem, assim como frisa Fernandez (1998, p.15) “A única forma para que o estudo da psicopedagogia possa transformar em aprendizagem é abrindo espaços de autoria do pensamento para nós mesmos, enquanto tentamos abri-lo para os outros”

A mesma autora (1998, p.15) coloca que:

“Nossa disciplina é indisciplinada, como o são o desejo e o saber. Indisciplinada

porque conhece a falta, os limites. No reconhecimento da carência está a potência... A psicopedagogia vai constantemente discutir seus fundamentos e construir suas ferramentas.”

Dessa forma, a psicopedagogia abre espaço para novas buscas do conhecimento no processo da aprendizagem.

Andrade (2003, p.89) quando escreve sobre psicopedagogia, diz “Ela vai tratar exatamente da possibilidade do sujeito aprender que ele é incompleto. O sujeito aprendiz vai aprender do ensinante a lidar com suas próprias castrações, com a sua incompletude.”

Para Fernandez, todo ato de inteligência por mais sutil e rudimentar que seja, também é uma interpretação da realidade externa.

Ao falar em interpretação, fala-se em recursos que o ser humano provém intelectual e subjetivamente, e em realidade externa, em aspectos culturais e sociais. Novamente reporta-se ao ser humano, ao sujeito em sua totalidade, na condição de aprendiz como define a psicopedagogia.

Da mesma forma, segundo Pain, a realidade é percebida pelo aprendiz como uma projeção do seu mundo interior que por sua vez, se constitui à partir da introjeção do mundo exterior significado pelo outro.

Fernandez afirma que a aprendizagem é uma construção individual interna, produto da própria natureza, da herança genética e biológica mais o conhecimento do meio ambiente que o rodeia. Entretanto, por ser específica de cada um, realiza-se através do corpo num processo histórico, pessoal e social. O desenvolvimento cognitivo e afetivo são as duas faces do desenvolvimento intelectual. Toda conduta será implicada por esses dois aspectos sobre uma base de motivações inconscientes.

Partindo dessas definições, entre tantas outras que se configuram na prática psicopedagógica, ao psicopedagogo cabe saber e investigar como se constitui o sujeito, como esse sujeito se relaciona como o meio, como se transforma em suas diversas etapas da vida,

quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende.

A psicopedagogia então, parece caber “olhar” o sujeito em sua totalidade, alguém dotado de uma dimensão orgânica, afetiva, cognitiva e cultural e que atuam concomitantemente e em equilíbrio, possibilitam a construção de conhecimento. Para que haja equilíbrio, não é necessariamente preciso que todas essas funções encontrem-se totalmente preservadas, mas que no caso disso não ocorrer, haja a compensação através de uma “negociação” entre elas.

A psicopedagogia é uma ciência que abre espaço para descobertas, investigações, que cria condições e viabiliza espaços para a troca e consequente expansão do conhecimento, que permite o intercâmbio cultural das ciências que se reportam ao entendimento do sujeito, que permite ao ser humano ser autor de seu pensamento, e que permite, portanto, a viagem e a interação entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno, entre o ideal e o real, entre o masculino e o feminino, entre o subjetivo e o objetivo. É portanto uma ciência capaz de unir, integrar, viabilizar, promover, pois é a ciência que se reporta ao ser aprendente, ao que dá ao ser humano a condição de constituir-se na aprendizagem e esse processo se dá desde o seu nascimento e perpetua até sua morte.

Daniela Mazurek Perfeito
Psicóloga, Mestre em Psicopedagogia.
Referências Bibliográficas

ANDRADE, M.S. O prazer da autoria e a construção do sujeito autor. São Paulo: Memnon, 2002

_____. Bases teóricas da Psicopedagogia: iniciando a discussão. Cadernos de Psicopedagogia. 1(1): 4-13, 2001

BARONE, L.M.C. De ler o desejo ao desejo de Ler: uma leitura do olhar do psicopedagogo. Petrópolis: Vozes, 1993

BOSSA, N.A. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CAON, J.L. Psicologia on-line, 2001

ERNANDEZ, A. Inteligência aprisionada. Abordagem Psicopedagógica clínica

da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

_____ Os idiomas do Aprendiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001

FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vols. XII, XIV e XX.

MERY, J. Pedagogia curativa escolar e Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985

PAIN, S. A função da ignorância. V. 1 e 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

_____ Subjetividade e Objetividade: relação entre desejo e conhecimento. São Paulo: Cevec, 1996

SILVA, M.C.A. Psiopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998

VISCA, J. Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

_____ A educação para o 3o. milênio. Psicopedagogia on-line. Edição Eletrônica, 2000

Publicado em 17/01/2005

Artigo Complementar: 3 – Aprendizagem e Psicopedagogia: Um Encontro Lúdico

Tendo como princípio a atuação ímpar do professor na formação do cidadão frequentador de uma unidade de aprendizagem: a escola, a questão da aprendizagem podem passar pela questão de entender a relação professor-aluno e a representação que o primeiro tem em relação ao segundo. Este estudo procura contribuir com reflexões para que seja possível uma revisão e reciclagem de práticas e metodologias que indique um caminho inverso ao universo da mídia: a afetividade e a atuação de um jovem criativo, executor de obras sociais. O intuito principal é auxiliar este jovem a canalizar energias para sua autonomia e construção de uma identidade cidadã saudável. Tomando como base que a Psicopedagogia tem como objeto de estudo o APRENDER, preocupando-se no seu surgimento com as questões relacionadas aos déficits de aprendizagem, torna-se um suporte rico de contribuição neste trabalho. A preocupação principal da Psicopedagogia é o aprendizado do ser humano, integrando o cognitivo e o afetivo para realizar o processo como um todo.

Para fazermos uma junção do nome propriamente dito, teremos: “Pedagogia” que

se preocupa mais com o conhecimento cognitivo e intelectual; e a “Psicologia” que está voltada para a busca do bem-estar do indivíduo. Então temos a PSICODEDAGOGIA que relaciona a capacidade do aluno de se sentir competente no seu aprendizado, relacionando-o com prazer.

A Psicopedagogia dos conteúdos na sala de aula revoluciona a inter-relação professor-aluno. Se de um lado o aluno é visto de um modo integrativo e participa da construção do conhecimento, de outro é indispensável uma transformação na postura do professor. É importante que o educador tenha os cuidados necessários para permitir que a autonomia do educando avance sem que ele, educador, se sinta ameaçado e não exija mais que o aluno pode dar. Ao facilitar e organizar o processo produtivo de aprendizagem o educador deve assegurar a todos a prática e vivência, a possibilidade de observar e construir o conhecimento.

O trabalho psicopedagógico atua não só no interior do aluno ao sensibilizar para construção do conhecimento, levando em consideração os desejos do aluno, mas requer também uma transformação interna do professor. Para que o professor se torne um elemento facilitador que leve o educando ao desenvolvimento da auto percepção, percepção do mundo e do outro, integrando as três dimensões, deve estar aberto e atento para lidar com questões referentes ao respeito mútuo, relações de poder, limites e autoridade. Quando se fala da profissão professor, não se pode deixar de enfatizar a “Influência do Professor e do ambiente escolar” na vivência dos alunos.

A seriedade profissional do professor se manifesta quando compreende o seu papel de instrumentalizar dos alunos para a conquista dos conhecimentos e sua aplicação na vida prática; incute-lhes a importância do estudo na superação das suas condições de vida; mostra-lhes a importância do conhecimento das lutas dos trabalhadores, orienta-os positivamente para as tarefas da vida adulta. Tais propósitos devem ser concretizados na prática, através de aulas planejadas nas quais se evidenciem a segurança nos conteúdos e nos métodos de ensino; a constância e firmeza no cumprimento das exigências escolares pelos alunos; o respeito no relacionamento com os alunos.

Temos o paradigma de que o professor ao mesmo tempo em que não deve contemporizar com a negligência e com o descumprimento dos deveres, deve estar atento para o bem relacionamento humano com os alunos. O respeito se manifesta, pois, no senso de justiça,

no verdadeiro interesse pelo crescimento do aluno, no uso de uma linguagem compreensível, no apoio às suas dificuldades, nas atitudes firmes e serenas.

O ambiente escolar pode exercer, também um efeito estimulador para o estudo ativo dos alunos. Os professores precisam procurar unir-se a direção da escola e aos pais para tornar a escola um lugar agradável e acolhedor.

Uma das poucas alegrias da vida numa época de ansiedade é o fato de sermos forçados a tomar consciência de nós mesmos. Quando a sociedade contemporânea, nesta fase de reversão de padrões e valores, não consegue dar-nos uma nítida visão “do que somos e do que devemos ser”, vemo-nos lançados à busca de nós mesmos. A dolorosa insegurança que nos rodeia torna-se um incentivo a indagar: será que nos passou despercebido algum manancial de força e orientação?

De modo geral prefere-se indagar: como é possível alcançar a integração interior numa sociedade tão desintegrada? Ou então: como empreender a longa evolução para a autorrealização numa época em que quase nada é certo, nem no presente, nem no futuro?

Gente muito preocupada tem ponderado tais questões. O psicoterapeuta não possui respostas mágicas. A nova luz que a psicologia profunda lança sobre os motivos ocultos dos nossos pensamentos, sentimentos e ações será de grande ajuda, sem dúvida alguma, na busca do próprio eu. Mas existe algo além dos conhecimentos técnicos e compreensão pessoal que anima o sujeito a aventurar-se até onde os anjos temem pisar e apresentar suas ideias e experiências sobre as difíceis questões da vida.

Observando a história da humanidade, podemos perceber que hoje, mais do que nunca, o processo de desenvolvimento está centrado na aquisição do conhecimento e marcado por grandes transformações. Atualmente a humanidade vivencia grandes avanços tecnológicos que possibilitam a ocorrência acelerada de novas pesquisas e descobertas. Para acompanhar esse processo de mudanças a aquisição do conhecimento torna-se imprescindível.

Além disso, vivemos a era da integração em todos os setores do planeta, que se

expressa de maneira mais ampla, pelo fenômeno da globalização. Percebemos que em todos os níveis e nas diferentes áreas de atuação existe um grande anseio, uma busca constante pela integração. Esse movimento é pouco explicitado, mas percebe-se que está presente em estado latente na maioria de nós.

A descoberta de nosso potencial permite não só o reconhecimento de nossa capacidade de autoria, mas também cria condições para a abertura de espaços onde outros se reconheçam autores.

Para isso não há mágica. Com certeza a origem dessas mudanças passa pela educação. Recentemente, várias mudanças curriculares têm sido realizadas propondo educar o indivíduo para torná-lo cidadão. Tais medidas significam um avanço. Entretanto, essas medidas só serão bem-sucedidas se forem acompanhadas de um trabalho com os indivíduos aprendentes que habitam em cada ensinante. Ou seja, com os educadores responsáveis pelas linhas de frente da educação.

Neste sentido a escola deve ser um espaço de promoção da articulação da realidade interna e externa do aprendiz, tornando a educação e a formação como um trabalho de duas questões indissociáveis. Uma das tarefas da escola é desenvolver a habilidade de negociação e a convivência pacífica, como algo imprescindível em um mundo globalizado. A escola deve trabalhar o autoconhecimento como possibilidade de abertura para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de julgamento.

A tônica desses princípios é o compromisso com a cidadania exigindo, para isso, educadores críticos da realidade e uma escola que não seja apenas reprodutora das relações de trabalho, mas que possibilite o desenvolvimento do autoconhecimento dos educadores, a fim de que construam relações de autonomia. Esses princípios enfatizam em igual medida as áreas convencionais no que se refere ao domínio das disciplinas; a dimensão social, no que se refere aos valores e atitudes; a dimensão pessoal, no que se refere aos afetos, sentimentos e preferências dos indivíduos.

A concretização desses princípios exige um investimento de possibilidades de aprender a aprender de alunos e educadores. Para isso, a escola necessita de um espaço onde os

educadores possam recriar a si mesmos como aprendentes, sentindo-se autores de seus próprios pensamentos e, conseqüentemente, capazes de ensinar e aprender.

Esses fatos, aliados ao contexto global explicam a importância crescente da psicopedagogia, que na sua concepção atual, já nasce com uma perspectiva globalizadora condizente com os rumos da aprendizagem na atualidade. Ela ocupa um lugar privilegiado porque justamente não está em um único lugar, sua força está justamente localizada no poder transitar pelas fendas, pelos espaços entre objetividade/subjetividade – ensinante/aprendente.

De acordo com CIAMPA (1998), num primeiro momento somos levados a ver a identidade como um traço estatístico que define o ser. Como algo que aparece isoladamente, imutável, estático.

A partir dessas considerações, penso que a Construção da Identidade é uma Questão de Aprendizagem. Precisamos sempre nos perguntar quem queremos ser a partir da possibilidade de aprender. Quando perguntamos quem queremos ser, essa pergunta sem uma resposta prévia, pode nos assustar. Entretanto, como futuros profissionais psicopedagogos, não podemos nos esquecer que a força da Psicopedagogia é justamente poder perguntar sobre seu próprio objeto, porque a Psicopedagogia trata do aprender e aprender implica perguntar e perguntar-se.

Parece então necessário e saudável que a Psicopedagogia como outra área de conhecimento ligada com a subjetividade do “Ser – Humano” esteja sempre aberta para perguntar sobre sua identidade, considerando os conhecimentos adquiridos, o presente e o futuro, enfim, o desejo de se transformar, de continuar crescendo.

Daniela Mendes Piloni – Psicóloga e Psicopedagoga.

Bibliografia:

CIAMPA, Antônio da Costa. A estória do Severino e a história da Severina- um ensaio de psicologia social. São Paulo. Brasiliense.1996.

CODO, Wanderley. LANE, Silvia T. M. Psicologia Social- O homem em Movimento. São Paulo. Brasiliense. 1a ed. 1984.

COSTA, Wilse Arena da. A construção social do Conceito do Bom Professor. Cuiabá: UFMT, 1998. (Tese de Mestrado)

FAGALI, Eloísa Quadros. VALE, Zélia Del Rio do. Psicopedagogia Institucional Aplicada: a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 1998.

FERNÁNDEZ, Alicia. A mulher escondida na professora: Uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

FERREIRA, Weil Berta. O cotidiano do Adolescente. Petrópolis: Vozes, 1995.

LANE. Silvia T. Maurer. O que é Psicologia Social. Coleção primeiros passos. São Paulo. Nova Cultural - Brasiliense. 1985.

LODI, João Bosco. A Entrevista Teoria e Prática. 7a ed. São Paulo. Pioneira. 1991.

RAPPAPORT, Clara Regina, FIORI, Wagner Rocha, DAVIS, Cláudia. Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência. Vol. 4. São Paulo: E.P.U., 1981-1982.

SÁ, C. P. A construção do objeto de pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SPINK, M. J. (Org.) O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 1995.

TAILLE, Yves de La. OLIVEIRA, Marta Kohl de. DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo. Summus. 1992.

WILSE, Arena da Costa. A construção social do conceito do Bom Professor. Cuiabá: UFMT, 1998. (Tese de Mestrado)

Artigo Complementar: 4 – A REG4: Regulamentação Do Psicopedagogo

Presidente da ABPp fala sobre a regulamentação da profissão

Como está a Regulamentação da Profissão de Psicopedagogo?

Está em Brasília obedecendo aos trâmites legais, sob o comando do Deputado Barbosa neto e, está na comicidade em fóruns, encontros, simpósios, ou seja, em todas as situações e momentos em que possamos refletir e trocar, sobre o papel e campo de atuação do

Psicopedagogo; da Psicopedagogia. Nosso processo de regulamentação passa pela legalização e legitimação. A sociedade legitima e a lei legaliza. Na minha concepção, a Psicopedagogia é a profissão do terceiro milênio, pelo menos no próximo século, portanto, sua legitimação é mais decorrente. Já, a legalização, pelo aspecto burocrático, e pela dinâmica democrática que deve incorporar, o ritmo é diferenciado, talvez mais lento, principalmente porque estamos reivindicando alto novo no Brasil. Nosso projeto de regulamentação será de especialidade e não de graduação. Isso é inédito! O Conselho Nacional vem discutindo o assunto desde 92. O projeto já foi aprovado na comissão do trabalho. Já houve audiência pública da comissão de educação; estamos aguardando o julgamento. A seguir vem a comissão de justiça. O que eu estou sentindo de importante, é que temos o Brasil inteiro se mobilizando e, nossa função, é mostrar à comissão da Educação nossa importância e a necessidade da regulamentação.

Por que Vem Crescendo a Necessidade do Psicopedagogo nas Instituições e na Clínica?

Porque o Psicopedagogo trabalha essencialmente com o fenômeno aprendizagem. Aprendizagem em seu processo maior, num processo educativo na vida, na sociedade, nas relações.

A educação está fragmentada, mas exigindo capacidades integradoras. Aprender a aprender está muito difícil. A aprendizagem está muito difícil. Em uma palestra, em Goiás, Marina Colassante, disse: “O jovem, a criança, precisam desenvolver algumas imagens, fantasias que a vida de hoje não está permitindo”. Temos uma realidade no Brasil que vai do menino da “idade da pedra” (o índio e as crianças sem acesso à tecnologia), ou você tem aquele menino que está na Internet 24 h ao dia.

Tanto um quanto outro, tomando os dois extremos, precisam da construção de um EU e de uma aprendizagem saudável. Penso que o espaço do psicopedagogo é muito grande, e quando analisamos a possibilidade da regulamentação, é muito em função dessa necessidade de se colocar na melhoria da qualidade de vida do ser humano e do planeta. Um outro fator é o preconceito que existe contra a psicologia (sou psicóloga e sei disso), o psicopedagogo é mais fácil de ser aceito em alguns lugares, em algumas famílias.

Daí a Importância do Reconhecimento do Psicopedagogo?

Acho que mais importante que a regulamentação, é o psicopedagogo se movimentar para ser reconhecido pela competência. Como acontece com a psicanálise que não é uma profissão legalizada, mas é “reconhecida” socialmente. Eu vejo a psicopedagogia necessitando disso, só assim irá se manter num patamar, num status especial. Veja bem, anos atrás houve a profissão de Orientador Educacional, que não existe mais e por quê? Talvez por dificuldades em se apropriar do lugar.

O psicopedagogo precisa se apropriar do seu lugar. Esse para mim é o verdadeiro reconhecimento. O reconhecimento oficial é importante, mas mais importante que tudo é provarmos a competência do psicopedagogo, sua relevância social, especialmente neste momento histórico que vivemos: mudanças de valores, de paradigmas numa velocidade rápida.

Se o Importante é a Competência, Qual a Diferença na Questão da Regulamentação Como Especialização e Não Como Graduação?

Porque é necessário que o profissional possua uma formação acadêmica mais sólida e aprofundada para formar-se psicopedagogo assim ele enriquece sua graduação anterior, em qualquer curso de áreas afins por exemplo fonoaudiologia, pedagogia, psicologia. O curso precisa ter um estágio supervisionado, deve ter algumas garantias de qualidade. O reconhecimento garantiria, abrir o espaço de uma forma mais concreta na Rede Pública, em todas as Instituições Públicas do país, garantindo uma ação mais social e democrática.

Qual a Diferença da Psicopedagogia no Brasil e na Argentina, Onde é Regulamentada e se Estende às Áreas Hospitalar, Empresarial, Etc?

A cultura da psicopedagogia no Brasil está engatinhando quando comparada à Argentina. Acho que as diferenças passam fundamentalmente pela realidade cultural de cada país. A Argentina tem uma história cultural diferente do Brasil. Fiquei uma semana em Los Niños, com Ana Maria Muñiz que desenvolve um trabalho comprometido com a seriedade. No Brasil nosso processo histórico foi e é outro, seguimos outro caminho. Os profissionais

argentinos, por sua própria história na psicopedagogia, são mais amadurecidos, nós temos profissionais pensando o novo, voltados para as peculiaridades da nossa realidade.

Em Que Setores Estará o Psicopedagogo?

Em primeira instância no setor da Educação, em seguida nos hospitais, estatais e empresas. Ele está onde há relações sociais e, portanto, aprendizagem. Está nas instituições, está no aprender humano.

Aliás, o psicopedagogo está chegando nas empresas de uma forma muito linda. Se você parar para pensar o movimento que acontece hoje, e está voltado à relação empresa-empregado que vai deixando de ser matriarca protetora. Por tudo que se lê, há a possibilidade a médio prazo da CLT ser modificada no Brasil nessa questão de ser a lei tão paternalista. Nesse momento sobreviverá o profissional mais formado, o mais estruturado, mais competente. Aí, o espaço do psicopedagogo vai se abrir como um botão em rosa. Há algumas experiências, poucas é verdade, mas é um espaço que o psicopedagogo vai saber ocupar nas empresas, sejam estatais ou privadas, atuando nesse novo momento de se aprender a ser empresa e empregado.

E nas escolas, como está o trabalho do psicopedagogo institucional?

Nas escolas particulares o psicopedagogo é uma realidade. Boa parte das boas escolas têm esse profissional nos seus quadros. Se não existe como uma vaga estabelecida em organograma o Orientador ou Coordenador são psicopedagogos e atuam como tal, com olhar e postura de escuta, mediando as aprendizagens em todos os níveis.

E na Saúde?

Na saúde também já existem boas experiências. O Hospital das Clínicas está com um setor de psicopedagogia muito bom. Está fazendo um trabalho ligado ao Francisco Assunção, da Psiquiatria Infantil. A Escola Paulista de Medicina também tem gente trabalhando na Santa Casa e em outros Hospitais do Brasil com equipes multidisciplinares.

Você Já Sabe da Existência de Psicopedagogos Empresariais?

Sim. Sei de colegas que atuam com procedimentos e postura psicopedagógicos junto à área de Recursos Humanos para melhorar a qualidade do aprendizado das pessoas, dos funcionários. Nesse trabalho a atuação está direcionada para o desenvolvimento individual e coletivo do corpo de funcionários. Um funcionário, com suas potencialidades reconhecidas e promovidas, se situa melhor como cidadão de direitos e deveres, portanto mais produtivo para si, para a empresa, para a sociedade e para o planeta. O psicopedagogo, a partir de sua experiência na escola, quer privada ou estatal, observou a necessidade da valorização e desenvolvimento do ser humano, da consideração do custo-benefício como possibilidade e garantia da continuidade de um trabalho. Essa visão era o que as empresas – não escolas, necessitavam. Dá para entender como foi a solicitação de Psicopedagogos nas empresas, não dá?

Em sua opinião, a família e a escola estão confundindo seus papéis? Assistimos a um empurra-empurra de responsabilidades e a criança muitas vezes acaba em um psicólogo ou psicopedagogo sem a efetiva necessidade?

Isso é muito delicado. Na realidade é a família que está perdida, não sabendo lidar com situações novas. Acho que a escola passa a ter uma função mais abrangente, por isso defendo o psicopedagogo institucional. Se você cuidar da psicopedagogia institucional, provavelmente vai ocupar um vazio importante na vida das crianças. Recortemos um exemplo, como o caso de uma criança, que vai a um neuropsiquiatra e vende uma imagem absolutamente oposta à realidade. O neuropsiquiatra pode comprar essa imagem. Isto é um recorte! Já o psicopedagogo que está na clínica, tem que atuar integrando-se com a família e escola, sem competição, mas em parceria para poder trabalhar. Não estamos, aqui, generalizando a atuação de todos profissionais, mas destacando que, pela sua peculiaridade, o trabalho de especialistas pode ser recortado. Já o de Psicopedagogo não o pode, sob pena de não atuar como Psicopedagogo também, é bom afirmar que não estou dizendo que o Psicopedagogo substitui o possível “vazio” que pode haver na relação família-filhos, mas que ele tem a obrigação de atuar nesse espaço, favorecendo a ambos o entendimento do processo que vivem e que, naquele momento, estão podendo desenvolver.

A Interface Entre a Psicopedagogia e a Orientação Educacional é Muito Grande, no Projeto de Regulamentação Está Previsto Algum Tipo de Aproveitamento, ou Integração de Atividades?

Sim, porque nosso objeto de trabalho é a aprendizagem e o aprender a aprender eterno, independentemente do contexto histórico e, portanto, metodológico determinante na época.

O que a ABPp Está Fazendo Efetivamente Para a Regulamentação Acontecer?

Há uma comissão organizada com membros da associação, da nacional e das sessões trabalhando nisso. Efetivamente há mais membros de Goiânia e Brasília, pela própria proximidade com Brasília. Todo Projeto de Lei precisa de um deputado. No nosso caso é o deputado Barbosa Neto quem está guiando o projeto. Já houve audiência pública e a síntese do projeto já consta neste site, o Psicopedagogia On Link(<http://www.psicopedagogia.com.br>) e no site da ABPp (<http://www.abpp.com.br>).

Como Está a Fiscalização de Cursos de Psicopedagogia, de Profissionais?

Como a profissão não é regulamentada a Associação não pode fiscalizar, o que fazemos é organizar os cursos e profissionais através do cadastramento. Um dos objetivos no Congresso de 2000 é um pré-Congresso para os organizadores dos cursos, com a intenção de garantir a boa qualidade de um estágio supervisionado. A ABPp é uma instância catalisadora dos anseios nacionais e, como tal, estará ao lado da categoria, zelando e defendendo a qualidade do seu trabalho.

Uma Vez Que o Curso Não Está Regulamentado, Como Ficam os Profissionais Que Se Intitulam Psicopedagogos?

Na verdade, a questão é outra. A questão é onde este profissional fez a sua formação? Pois é isso que vai pesar, na minha opinião, sem dúvida sobreviverá no mercado, como em qualquer outra profissão, o profissional mais competente, isso é inegável. A psicopedagogia

é uma profissão onde o indivíduo precisa estar muito bem estruturado enquanto EU, caso contrário não terá condições de ter o necessário olhar abrangente. Então ele tem de cuidar de sua formação, tem de fazer supervisão, não adianta escapar da supervisão, assim, a formação de base é que deve ser perguntada detalhadamente, o psicopedagogo tem de cuidar da sua formação. Ele deve cuidar de sua formação completa enquanto profissional ou pessoa, independentemente desta ou daquela linha de atuação.

De Uma Forma Geral, Como Está o Sistema Escolar?

Muito aquém do necessário. Neste final da década de 90 ainda encontramos formatos semelhantes aos de algumas décadas atrás. Não está formatado para a criança atual. Se tivéssemos nas escolas psicopedagogos trabalhando essas estruturas, talvez não tivéssemos o número imenso de crianças chegando aos consultórios com problemas de aprendizagem. À medida que as escolas não estão sendo estruturadas para corresponder às necessidades das crianças mais sensíveis, é mais fácil encaminhar. Não é um simples delegar. Na realidade essas escolas não têm condição de atendê-las não estão estruturadas para esse lugar. Permanecem com um formato e o modelo escolar no mundo, obviamente, tem diferenças de lugar para lugar, de década para década. A grande maioria das escolas renovadas na década de 70, não conseguiu sustentar as mudanças. De uma certa maneira tentaram renovar o modelo, mas não modificaram o estrutural. Houve escolas que se perderam na orientação porque esqueceram que a criança precisa ser organizada, precisa ser cuidada dentro daquilo que tem. Vieram com ideias muito boas, com conceitos acadêmicos de primeira grandeza, mas deixaram de adequar a instituição. Podemos dizer que deixaram de se fundamentar, de se atualizar, de viver contextualizadas com o momento histórico que vivemos. Se o olhar psicopedagógico existisse nas escolas, a clínica seria reduzida. A falta de uma estrutura psicopedagógica gera muito problema escolar. Uma escola bem estruturada pode resolver muitos problemas. Ao analisarmos dois níveis de psicopedagogos, o clínico e escolar, deveria ir para o clínico aquela criança que efetivamente apresenta um problema clínico. Mas, as escolas confundem muito, mandando para os clínicos crianças que uma boa estrutura escolar resolveria. A atuação do psicopedagogo amenizaria.

Quais Seriam os Problemas Clínicos, ou Indicação Para Uma Escola Especial?

Essa é uma pergunta muito ampla. Um caso clínico seria daquela criança que tem alguma etiologia neurológica, alguma questão fisiológica, ou que, ao longo de sua história, adquiriu algum problema que dificulta sua relação dela com a aprendizagem, machucada pelo sistema. Um caso de cuidado especial seria o daquela criança mais desatenciosa. A criança mais inteligente que é tachada como problema.

Os Psicopedagogos Estão Também nas Escolas Especiais?

Uma escola especial, tem de estar na mão de um psicopedagogo. Presidente, para finalizar, como será o Congresso de Psicopedagogia de 2000? Estamos preparando um Congresso comprometido com as demandas e anseios da contemporaneidade, que possa fortalecer a psicopedagogia no Brasil como um todo, que seja multiplicador, fortalecedor. O psicopedagogo também precisa saber o seu lugar. A escola não é lugar para se fazer clínica, na escola se faz Psicopedagogia Institucional. Infelizmente, vemos alguns profissionais fazendo clínica dentro da escola, isso não dá certo porque não é ali esse espaço.

Nívea Maria C. de Fabrício

Artigo Complementar: 5 – Algumas Perguntas Sobre Psicopedagogia

Podemos Diferenciar a Psicopedagogia da Psicologia Escolar de três formas:

Diferença Quanto à Origem Histórica:

A Psicologia Escolar surgiu para explicar o fracasso escolar, enquanto a Psicopedagogia surgiu como um trabalho clínico dedicado ao trabalho com aqueles que apresentavam dificuldades na aprendizagem por problemas específicos.

Diferença Quanto à Formação:

A Psicologia Escolar é uma especialização do curso de graduação em Psicologia, enquanto o curso de Psicopedagogia é um curso de especialização, que recebe graduados em diversos cursos.

Diferença em Relação ao Campo de Atuação:

Talvez esta seja a diferença mais significativa. O trabalho da Psicologia Escolar se realiza nos limites da Psicologia, enquanto o trabalho Psicopedagógico se realiza na interface da Psicologia e da Pedagogia ou, mais recentemente, na interface da Psicanálise e da Pedagogia. Neste último caso, busca entender e intervir no processo de ensino e aprendizagem, levando em conta o inconsciente e a relação transferencial.

Qual o Trabalho Que a Psicopedagogia Poderia Oferecer no Trabalho de Coordenação da Educação Infantil – Creches e Escolas?

A contribuição da Psicopedagogia na Educação Infantil Embora a Psicopedagogia esteja voltada para o processo de aprendizagem formal e seus problemas, pode contribuir com o trabalho realizado na Educação Infantil, sobretudo na prevenção de futuros problemas de aprendizagem.

Nesse sentido, pode oferecer parâmetros do desenvolvimento infantil e do processo de organização psíquica. Estes parâmetros podem apontar direções para o planejamento de atividades a serem realizadas com as crianças, assim como sinalizar eventuais dificuldades que as crianças dessa faixa etária podem apresentar.

Adiantando alguma coisa sobre isso pode-se dizer que a brincadeira é a atividade privilegiada da infância. Isso lhe ajuda tanto na sua constituição psíquica como no seu processo de desenvolvimento, de aprendizagem e de sociabilização. Os educadores que se dedicam aos pré-escolares devem ter isso em mente e privilegiar também essa atividade na proposta de tarefas. Se houver interesse de sua parte no curso de Psicopedagogia, acho que é importante buscar um que contenha uma disciplina dedicada aos jogos e brincadeiras.

Gostaria de Informações Sobre a Parceria da Psicopedagogia Com a Filosofia Como Possibilidade de Prevenção as Questões de Aprendizagem.

Quando trabalhamos na área de humanas, temos que reconhecer que esta área é de extrema amplitude e complexidade. A Filosofia está e sempre esteve por trás do trabalho psicopedagógico, pois não há como trabalhar o sujeito sem refletirmos sobre a condição humana, seja em seu âmbito particular, seja em seu âmbito genérico.

Assim, ao trabalharmos na área clínica, sempre teremos que pensar sobre quem é aquele sujeito que atendemos, quais são seus valores, quais são suas regras morais e éticas, quais são suas aspirações, para que assim possamos tentar compreendê-lo e, com isto, compreender seu modo de funcionamento e de absorção da realidade, da vida à sua volta.

De certo modo, a resposta à sua pergunta é, por um lado, absolutamente subjetiva, uma vez que remeterá às suas condições pessoais de reflexão filosófica. Por outro lado, a filosofia é um campo de conhecimento que pode ser aplicado à psicopedagogia, desde que se trabalhe especificamente com ele.

A associação da psicopedagogia com a filosofia enquanto forma de lidar com aspectos preventivos das dificuldades de aprendizagem é muito relativa; como já disse acima, estão absolutamente entrelaçadas por princípio. O seu uso irá depender do Psicopedagogo que manusear este tipo de relação, dando maior ou menor ênfase aos conceitos que deseje anunciar, analisar, usar como estímulo à reflexão.

Nada impede que você, dentro de seu campo de trabalho, pesquise um determinado autor/filósofo ou uma determinada linha de pensamento e associe tais pensamentos, conceitos e reflexões à sua prática psicopedagógica.

Dentro de um espectro mais amplo, sabemos que a filosofia permaneceu, durante muito tempo, como parte do curriculum escolar nacional e depois foi extinta. Dentro de minha visão, creio que a ausência da filosofia dentro dos currículos nacionais causou grandes danos, pois extinguiu-se uma referência de conduta e de estímulo à reflexão.

Qual a Distinção Entre Psicopedagogia, Psicologia Educacional e Orientação Educacional?

Esta distinção poderá ser feita a partir das informações contidas nos códigos de ética dessas ocupações. As funções de Psicólogo Escolar e Orientador Educacional já possuem uma tradição na estrutura institucional. A função do Psicopedagogo Institucional é mais recente em nosso meio e sua importância tem sido reconhecida a ponto de que, hoje há concursos públicos para esta função em Escolas Públicas.

A Psicopedagogia na sua origem no Brasil, esteve voltada para atender crianças com dificuldades de aprendizagem dentro de um contexto clínico. Atualmente a Psicopedagogia também vem contribuindo na área da prevenção das dificuldades de aprendizagem, bem como desenvolvendo programas que visam promover a integração dos alunos com dificuldades de aprendizagem. O Psicopedagogo institucional atende professores e os alunos dentro da instituição, orientando professores para enfrentar o desafio de atender a diversidade dos alunos e intervindo institucionalmente junto aos alunos em programas de avaliação e intervenção.



Quem Somos

A Valecup Cursos Pedagógicos é a maior escola na área de Pedagogia do país no ensino a distancia, com 5 estrelas sendo a maior instituição particular mais bem conceituada do Brasil na área de Pedagogia com mais de 50 opções de cursos.

São 10 Anos de Tradição em Ensino de Qualidade!

Todos os cursos são aprovados e reconhecidos com honra ao mérito pelas melhores instituições e faculdades.

Com sede em Brasília e atuação em todo o território nacional, tem sua história marcada pela ajuda aos professores e professoras de nosso país.

Atualmente a Valecup Conta Com 200 Mil Alunos Matriculados em Todo o País.



Parabéns por concluir o estudo da apostila!!

Que tal conhecer outros cursos?
Acesse o nosso site
e conheça todos os nossos cursos com **certificado!**



Referências

BARBOSA, Laura Mont Serrat. O projeto de trabalho – uma forma de atuação psicopedagógica. Curitiba, Paraná: Gráfica Arins, 1999.

BOSSA, Nadia A. A Psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.

KIGUEL, Sonia Moojen. Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – A Criança e o Adolescente da Década de 80. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Abenepe, vol. 2, 1983.

FAGALI, Eloísa Quadros. VALE, Zélia Del Rio do. Psicopedagogia Institucional Aplicada. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e Realidade Escolar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SCOZ, Beatriz. RUBISTEIN, Edith. ROSSA, Eunice Maria Muniz. BARONE, Leda Maria Codeço. Psicopedagogia – o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1987.

RUBENSTEIN, Edith. Da reeducação para a psicopedagogia, um caminhar. IN.: RUBENSTEIN, Edith (org). Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1999, p. 37.

ALLESANDRINI, Cristina Dias. Oficina Criativa e Psicopedagogia. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1996, p.57.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

PAIN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médica, 1996

PAIN, Sara. Visão da Psicopedagogia diferencial. In: Psicopedagoia operativa. Porto Alegre: Artes Médica, 1992

Condições de elaboração de um programa diferencial. In: Psicopedagoia operativa. Porto Alegre: Artes Médica, 1992

RUBINSTEIN, Edith. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: SISTO, Fermino Fernandes et al. (Orgs.). Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis, Vozes, 2003

PAIN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto

Alegre: Artes Médica, 1996

CASTRO, Amélia Domingos de. Psicopedagogia uma terceira opção. *Proposições* V. 3 N. 3 (9): 5-12, 1992.

MOOJEN, Sônia Maria P. Conceito de Psicopedagogia: uma prática para além do conceito teórico. *Revista Psicopedagogia* 18 (48: 54-56), 1999.

NOFFS, Neide de Aquino. Palavra da presidente. *Revista Psicopedagogia* 14 (32): 5-9, 1995.

RUBINSTEIN, Edith. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In.: SISTO, F.F. et al. (orgs.). *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. *Psicopedagogia e realidade escolar. O problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, Amélia Domingos de. Psicopedagogia uma terceira opção. *Proposições* V. 3 N. 3 (9): 5-12, 1992.

MOOJEN, Sônia Maria P. Conceito de Psicopedagogia: uma prática para além do conceito teórico. *Revista Psicopedagogia* 18 (48: 54-56), 1999.

RUBINSTEIN, Edith. A Psicopedagogia e a Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo. In.: SCOZ, B. J. L. RUBINSTEIN, E. ROSSA, E. M. M. E BARONE, L.M.C. (Orgs.). *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: ArtMed, 1990.

MACEDO, Lino de. Para uma Psicopedagogia construtivista. In: ALENCAR, Eunice Soriano de (Org.) *Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2001.

NOFFS, Neide de Aquino. Palavra da presidente. *Revista Psicopedagogia* 14 (32): 5-9, 1995.

REVISTA PSICOPEDAGOGIA - 15 (38) : 2-3, 1996.

SISTO, Fermino Fernandes et al. (Orgs.). *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PETTY, Ana Lúcia & PASSOS, Norimar C. Algumas reflexões sobre jogos de regras. In: SISTO, Fermino Fernandes et al. (Orgs.). *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MENDES, Mônica Hehme. *Psicopedagogia Institucional – Uma proposta de Intervenção* – *Revista Psicopedagogia*, 2000.

PAIN, Sara, *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas da Aprendizagem* – 1ª edição – Porto Alegre – Artes Médicas 1985

PAIN, Sara. *Subjetividade e Objetividade: Relações entre o desejo e o conhecimento*. São Paulo: Cevec, 1996.

SILVA, Maria Cecília Almeida. *Psicopedagogia: Em busca de uma fundamentação teórica*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise da criança. Teoria e Técnica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

CHAMAT, Leila Sara José. *Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem integracionista*. Editora vetor:1 ed. São Paulo, 2004.

EXUPÉRY, Antoine de Sant. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre, RS: Artmed, 1991 .

LA TAILLE, YVES DE; OLIVEIRA, MARTA KOHL DE. *Piaget, Vygotsky, Wallon : teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo : Summus.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RUBINSTEIN, Edith. *A psicopedagogia e a Associação Estadual de Psicopedagogia de São Paulo*. In SCOZ, Beatriz Judith Lima (et al). *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, cap. 1.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SCOZ, J. L. B. *Psicopedagogia -* Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BOSSA, Nádia. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

Dificuldades de Aprendizagem: o que são e como tratá-las. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

COELHO, Maria Teresa. *Problemas de Aprendizagem*. Editora Ática, 1999.

FERMINO, Fernandes Sisto; BORUCHOVITH, Evely; DIEHL, Tolaine Lucila Fin. *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

FERNANDES, Alícia. *A inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1990.